

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

RONALDO ALVES DOS SANTOS

EUCARISTIA, FONTE E ÁPICE DA VOCAÇÃO PRESBITERAL
Fazei isto em memória de mim

Goiânia
2020

RONALDO ALVES DOS SANTOS

A EUCARISTIA, FONTE E ÁPICE DA VOCAÇÃO PRESBITERAL
Fazei isto em memória de mim

Monografia apresentada ao curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Pe. José Luiz da Silva.

Goiânia
2020

A Genivaldo Vieira dos Santos (in memoriam)
Francisca Alves dos Santos (in memoriam)
Renata André dos Santos
Victor Gabriel
Familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À diocese de Ipameri, na pessoa do atual bispo diocesano, Dom José Francisco Rodrigues do Rêgo, e de seu predecessor, Dom Guilherme Antônio Werlang, MSF. Estendo meus agradecimentos aos Presbíteros e diáconos, bem como a todo o povo de Deus que sempre rezou por mim.

Ao meu orientador, Pe. José Luiz da Silva, pelo apoio durante a preparação deste TCC; por suas correções e incentivos. Também pelo seu testemunho de amor à Teologia e ao Reino de Deus.

A esta Pontifícia Universidade Católica do Estado de Goiás (PUC/GO): seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram esta janela, pela qual hoje vislumbro novos conhecimentos.

Dirijo-me aqui, de forma particular, aos professores e mestres do curso de Teologia desta universidade e do Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz. Destaco especialmente os professores: Mons. Luiz Gonzaga Lôbo e Pe. Sílvio Rogério Zurawski, CRIC, que foram os leitores deste trabalho. Que Deus os abençoe sempre mais.

À equipe de formação do Seminário São João Maria Vianney, na pessoa do reitor Pe. José Luiz da Silva.

Ao meu diretor espiritual, Pe. João Cesar Lobo, que ao longo do processo formativo sempre me orientou com sabedoria e discernimento.

A todos os irmãos seminaristas, em especial os da diocese de Ipameri.

Aos meus pais (*In memoriam*), que com certeza intercedem por mim.

À Ir Natália Evangelista de Andrade (IFMA), que sempre me motivou e rezou por meu bom êxito nos estudos e em minha vocação.

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

*A Igreja vive da Eucaristia.
Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé,
mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja.*

(Ecclesia de Eucharistia)

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo apresentar a relação da Eucaristia com o Presbítero, ressaltando que ela é, ao mesmo tempo, fonte, ápice e o elemento central de sua vocação. A Eucaristia é o alimento que sustenta a vida do presbítero e também o motivo para que ele faça memória da ação salvífica de Cristo. Desta forma, será também alimento de fé e esperança para o povo. A celebração da Eucaristia é a principal razão de ser do Sacramento da Ordem, em termos pastorais. A Eucaristia é o ponto de referência do Presbítero; n'ela está presente o próprio Cristo, como sacrifício de expiação por toda a humanidade. Trata-se de sacrifício em sentido próprio, e que se atualiza na celebração. Todas essas abordagens possuem uma importância essencial na vida cristã e trazem consigo importantes fundamentos bíblicos e teológicos. O presbítero exerce seu sagrado múnus principalmente no culto eucarístico. Os presbíteros são instruídos a gerar e dar à luz muitos filhos espirituais para o reino de Deus, ou seja, para a glória definitiva. E o fazem por meio do seu testemunho de vida e da própria vivência eucarística, procurando configurar-se, cada vez mais, ao Mestre dos mestres, ao Messias, Filho de Deus. Pois Ele é, para todos nós, salvação eterna e vínculo de unidade com a Igreja e com a humanidade.

Palavras Chave: Prefiguração; Eucaristia; Presbítero; Identidade; Missão.

ABSTRACT

The present study aimed to present the relationship between the Eucharist and the Priest, as the source, summit and centrality of his vocation. As food that sustains his life, which is motivated to remember the saving action of Christ, placing himself as a food of faith and hope for the people. The Eucharist is the main and central *raison d'être* of the Sacrament of the Priesthood, in the Pastoral sphere to which it is inserted. The Eucharist is the point of reference of the priest, to which Christ himself is completely inserted, as a sacrifice of atonement for all mankind, a sacrifice in the proper sense, which is updated in the celebration. All of these approaches have their essential character in the Christian life, with their biblical and theological foundations having as a reference the Elder who exercises his sacred office mainly in the Eucharistic cult. The elders are instructed to generate and give birth to many spiritual children for the kingdom, for the ultimate glory, for God, through the testimony of life and the Eucharistic experience, trying to become more and more configured in the Master of teachers, in the Messiah, in the Son of God the Father, who is for all of us, eternal salvation and a link of unity with the Church and with humanity.

Keywords: Prefiguration; Eucharist; Presbyter; Identity; Mission.

SIGLAS

AG	<i>AD GENTES</i>
CEC	CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
DAp	DOCUMENTO DE APARECIDA
DG	DENZINGER
DMVP	DIRETÓRIO PARA O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PRESBÍTEROS
EE	<i>ECCLESIA DE EUCHARISTIA</i>
ESC	ENCICLICA SACERDOTALIS CAELIBATUS
LG	<i>LUMEN GENTIUM</i>
PDV	<i>PASTORES DABO VOBIS</i>
PO	<i>PRESBYTERORUM ORDINIS</i>
RF	<i>RATIO FUNDAMENTALIS</i>
RH	<i>REDEMPTOR HOMINIS</i>
RM	<i>REDEMPTORIS MISSIO</i>
SC	<i>SACROSSANTUM CONCILIUM</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PREFIGURAÇÕES DA EUCARISTIA NO ANTIGO TESTAMENTO.....	13
1.1 Elementos da prefiguração.....	13
1.2 A Eucaristia como aspecto de salvação.....	16
1.2.1 A Instituição.....	16
1.2.2 Fazei isto em memória de mim.....	18
1.3 A Eucaristia nos Padres da Igreja.....	20
1.4 Jesus o Eterno e Sumo Sacerdote.....	22
2. A IDENTIDADE DO PRESBÍTERO.....	25
2.1 A identidade do presbítero no Documento de Aparecida.....	27
2.2 A Eucaristia, fonte da espiritualidade presbiteral.....	32
2.3 O presbítero e o povo de Deus (Eis que vos envio)	33
2.4 A caridade Pastoral.....	36
3. A MISSÃO DO PRESBÍTERO.....	38
3.1 A importância do tríplice múnus sacerdotal como dom.....	42
3.2 O Presbítero a serviço da evangelização.....	44
3.3 A Virgem Maria e a Eucaristia.....	47
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico, em nível de conclusão de curso (TCC), tem como objetivo principal a Eucaristia na vida do Presbítero, ela como fonte e ápice de sua vocação. A Eucaristia, tanto em sua prefiguração, quanto no ápice da instituição sempre teve como objetivo próprio a transformação dos homens na comunhão com Cristo. Por isso, ela é, a centralidade, a fonte e o ápice na vida do Presbítero.

Desse modo, o Presbítero é tirado do meio dos homens e constituído a favor destes (Hb 5, 1). O Presbítero por meio do envio, o “Ide” (Mc 16, 15), se põe a caminho com o objetivo de anunciar a Boa Nova, usando de caridade para com todos, esta, que flui do próprio Cristo e que move o presbítero sempre a praticar o bem. No âmbito de sua identidade, o Presbítero vive de maneira integral a caridade pastoral, tendo ele o conhecimento que a verdadeira caridade brota do amor trinitário de Deus. Esse amor que possibilita e capacita o Presbítero para a missão, ele que é um escolhido para propagar com seus ensinamentos e testemunhos a Palavra de Deus.

Os Presbíteros são homens chamados pelo Senhor, formados e enviados, tornando-se homens da evangelização. Os presbíteros, embora não possuam o fastígio do pontificado e dependam dos Bispos no exercício do próprio poder, estão-lhes, porém, unidos na honra do sacerdócio e, por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados, à imagem de Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote (Hb 5, 1-10; 7, 24; 9, 11-28), para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento (LG, n. 28).

Tendo em vistas essas dimensões, o trabalho está estruturado em três capítulos: O primeiro aborda a relação da prefiguração com a própria Eucaristia; ela como ápice na vida do presbítero, ressaltando também os elementos da prefiguração no Antigo Testamento, como o Maná (Ex 16, 4), o pão e o vinho oferecido por Melquisedec, rei de Salem (Gn 14, 18), o cordeiro sem mancha (Lv 22, 21), e, os pães ázimos (Lv 23, 6). Percebe-se que o Antigo Testamento trouxe alguns elementos que possibilitaram a compreensão sobre a Eucaristia, mas é no Novo Testamento que a Eucaristia se faz presente como ápice, porque foi o próprio Jesus Cristo que a instituiu como sacramento na noite de sua paixão. Jesus amou os seus e procurou cultivar o amor de doação, instruindo os discípulos para que dessem exemplos de amor e comunhão, para que pudessem assumir o compromisso que implicaria na relação da unidade e da fraternidade.

O segundo capítulo trata da identidade do presbítero, esta, que encontra na Santíssima Trindade a sua fonte. Uma identidade que se forma na força do sacramento e da comunhão

presbiteral, já que ele foi chamado a ser ministro da salvação, sendo homem da Palavra e da Comunhão, um homem de Deus, sempre atentos ao bem dos filhos de Deus (LG, n. 28). Sendo voz na Igreja, esta que tira sua força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo.

O terceiro capítulo refere-se a missão do Presbítero, uma vez que ressalta no mandato de Jesus Cristo no “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 16). Cumulando os Presbíteros de graças para seguir em missão: “Recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1, 8).

Deus confia aos presbíteros a missão de pastorear, de cuidar, de apascentar a porção do povo de Deus a ele confiado (PO, n. 1). Desse modo, o Sacerdote, está a serviço e em comunhão com a Igreja, já que, a missão da Igreja está em continuidade com a de Cristo: “Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós” (EE, n. 22). Na força da sua configuração sacramental a Cristo Cabeça, tendo uma preferência pelos pobres, se tornando homens da evangelização, para se fazer cumprir o mandato do Senhor. A exemplo de Maria, os presbíteros devem acolher em seus corações a Palavra que os conduzirá a se colocar a serviço em prol do povo de Deus.

1. PREFIGURAÇÕES DA EUCARISTIA NO ANTIGO TESTAMENTO

1.1. Elementos da prefiguração

O Maná é o primeiro elemento citado no livro de Êxodo, no capítulo 16¹. Faz referência aos israelitas que saem de Elim (Ex 16, 1) e vão para o deserto, como o Senhor lhes ordenara, estando sobre as orientações de Moisés e Arão. Ao longo da caminhada, muitos homens começaram a murmurar dizendo: “Antes fôssemos mortos pela mão de Iahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados junto à panela de carne e comíamos pão com fartura!” (Ex 16, 3). O Senhor escuta o seu povo e não o deixa sem respostas. O Senhor fala a Moisés que fará chover do céu o pão: “Eis que vos farei chover pão do céu” (v, 4), o pão que alimentará o povo. Moisés e Aarão falam aos israelitas que, no dia seguinte, eles verão a glória de Deus e saberá quem os tirou do Egito (v, 7).

O Senhor queria colocar à prova os israelitas, testando a fidelidade e a obediência deles, ordenando que “cada um colha dele quanto baste para comer, um gomor por pessoa. Cada um tomará segundo o número de pessoas que se acham na sua tenda (v.16), e não guardará nada para o dia seguinte (v.19), mas alguns dos israelitas não obedeceram, e, deixaram Moisés indignado (v. 20).

O segundo elemento que prefigura a Eucaristia é o pão e o vinho, oferecidos por Melquisedec, rei de Salem (Gn 14, 18) e sacerdote do Deus Altíssimo, para agradecer a vitória de Abraão. O fato de Melquisedec, no Antigo Testamento, ter levado pão e vinho como oferendas é interpretado como uma prefiguração do sacerdócio de Cristo, uma vez que os evangelistas Mateus (Mt 26, 26-28) e Lucas (Lc 22, 19-20) relatam na última ceia a ação, onde Jesus tomou o pão e o vinho e realizou a oferta dizendo que “isto (pão e vinho) é o meu corpo”. O Catecismo da Igreja Católica² traz no nº 1334 uma referência do oferecimento do pão e do vinho no Antigo Testamento: Na antiga aliança, o pão e o vinho são oferecidos em sacrifício entre as primícias da terra, em sinal de reconhecimento ao Criador. Na Antiga Aliança, oferecia-se a Deus os primeiros frutos da terra (pão, vinho, etc) em sacrifício de louvor, de comunhão, reconhecimento ou como pedido de perdão.

O terceiro elemento é o sacrifício do cordeiro (Ex 12, 1-14). O Senhor ordena a Moisés e a Aarão na terra do Egito, que oriente a comunidade de Israel sobre o guardar o cordeiro

¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola/ Vozes, 1993.

macho e sem mancha (Lv 22, 21). A expressão “sem defeito” surge pela primeira vez na Bíblia em Êxodo 12, 5, na qual o próprio Deus enfatiza que o cordeiro da Páscoa deveria ser “sem defeito”. Depois, o Senhor reafirma que a oferta levada ao santuário também deveria ser “sem defeito”. Por isso, coube a toda a assembleia da comunidade de Israel imolar o cordeiro. Todos devem tomar o sangue e passar sobre os marcos e a travessa da porta³, tendo que comer a carne assada no fogo – não cozida na água e sim assada; com pães ázimos e ervas amargas. Neste dia haverá a passagem (Páscoa), onde o Senhor ferirá todo o primogênito, desde homens até animais (Ex 11, 4-5) e onde houver sangue na porta o Senhor não entrará e poupará o seu povo. Assim, o sacrifício do cordeiro pascal, salvou da morte os israelitas.

O último elemento apresentado são os pães ázimos. Após os primogênitos de Israel serem poupados pelo Senhor, os israelitas passaram a festejar com os pães ázimos, recordando o dia da saída para a libertação. A festa era celebrada como um sinal da pertença de Israel ao Senhor. A festa tinha a duração de uma semana, de um sábado a outro (Ex 12, 15; 13, 16; Lv 23, 6-8). Além de celebrar a saída, o povo, como agradecimento, ofertava ao senhor no santuário local a primeira colheita (Lv 23, 10ss).⁴

Na tradição bíblica, Páscoa e ázimos⁵ aparecem sempre como duas celebrações distintas. Uma era conhecida como “Páscoa” ou “Páscoa do Senhor” e a outra era a celebração dos ázimos. Mesmo praticando o rito da imolação do cordeiro com os ázimos, o qual deu origem à “Páscoa dos ázimos”⁶, havia alguns judeus da diáspora que não podiam ir ao templo e, por isso, eles sempre celebram a Páscoa só com os ázimos. A festa da Páscoa englobava três realidades distintas para os hebreus:

- Uma realidade passada: a libertação do Egito (Dt 5, 15 e 15, 15).
- Uma realidade presente: renovação ritual do fato antigo.⁷
- Uma realidade escatológica: o símbolo da futura e definitiva libertação do povo de toda a escravidão.⁸

Nas realidades apresentadas, percebe-se a aproximação de Deus para com seu povo, um Deus que intervém e comunica: *Shema`Israel* (Ouve, Israel)⁹ (Dt 6, 4-5), para que seu povo jamais se esqueça dos seus mandamentos e preceitos: “Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos

³ MARSILI, S. et al. *A Eucaristia: teologia e história da celebração. Anámneseis* 3. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 140.

⁴ MARSILI, 1986, p. 140.

⁵ MARSILI, 1986, p. 140.

⁶ MARSILI, 1986, p. 141.

⁷ MARSILI, 1986, p. 139.

⁸ MARSILI, 1986, p. 145.

⁹ RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 45.

e as normas que eu hoje vos ensino a praticar, a fim de que vivais e entreis para possuir a terra que vos dará Iahweh, o Deus de vossos pais” (Dt 4, 1).

Ouvindo o mandato do Senhor e em memória da libertação do Egito, em louvor e agradecimento, o povo fazia, antes das refeições, a bênção do pão e do vinho. Por isso, como já era de costume, o dono da casa, depois de pedir licença aos hóspedes ilustres e voltando o olhar para o cálice, pronuncia a bênção dizendo: “Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, Rei do universo, que crias o fruto da videira”.¹⁰ Depois sobre o pão: “Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que produzes o pão da terra...”.¹¹

Em todos os elementos apresentados quanto à prefiguração, se vê claramente nestes aspectos um “reatualizar” o acontecimento. E esses acontecimentos se dão na vivência do povo que, ao sair da escravidão, não deixou de cumprir os seus preceitos e de fazer memória da ação salvadora do Senhor, obedecendo-O e bendizendo-O com rituais de agradecimento.

Celebrar a páscoa (...) é tornar nossos acontecimentos vivos no passado, atualizá-los no seu significado, revivê-los. Trata-se, de certa forma, de ressuscitar a história, de viver a saída do Egito não como um fato passado, como uma lembrança, mas como um fato presente, atual. É hoje que se opera, em verdade, nossa libertação: é hoje que Deus conclui conosco uma aliança, e que nós damos o nosso assentimento; é hoje a páscoa.¹²

Depois de tantas realizações feitas pelo Senhor em prol de seu povo, tirando-o do Egito, conduzindo-o para uma terra que mana leite e mel (Ex 33, 3), Ele deposita no coração de todos uma esperança, a qual é vislumbrada pelo povo que não esquece de suas grandes maravilhas. Esse momento será sempre lembrado durante as refeições, seja no Antigo ou no Novo Testamento, nas quais as famílias se colocam ao redor da mesa (Sl 128, 3). A mesa é lugar peculiar onde há o encontro, a presença, a união, onde acontece a partilha, onde há o diálogo para uma vivência e o bem comum de todos (1Sm 1, 4-8). Pode se dizer que, ao redor da mesa, era onde se discutiam tantos assuntos e se recebia convidados ilustres (1Sm 9, 22-24). A mesa era o lugar da relação, da reconciliação e também da oração. Era sempre um momento propício para se manter a relação no mistério com Deus que se perpetua no Novo Testamento, através da aliança renovada em Cristo Jesus (Hb 7, 22). Veremos que Ele é agora o verdadeiro alimento, o Cordeiro, o Pão Vivo descido do céu.

1.2 A Eucaristia como aspecto de salvação

¹⁰ GOPEGUI, 2008, p. 47.

¹¹ GOPEGUI, 2008, p. 47.

¹² ALDAZÁBAL, J. A *Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 44.

O Antigo Testamento trouxe alguns elementos que nos possibilitaram a compreensão sobre a Eucaristia; mas é no Novo Testamento que a Eucaristia se faz presente como ápice, porque foi o próprio Jesus Cristo que a instituiu como sacramento na noite de sua paixão.¹³

Cristo é o sacramento primordial, o sinal de Deus por excelência, o Cordeiro que vem para tirar todo o pecado do mundo (Jo 1, 29), o Pão Vivo descido do céu (Jo 6, 32-35). Jesus é Aquele sobre quem está estabelecida toda a realidade da salvação (At 4, 12). Entretanto, ele mesmo vai dizer na última ceia: “Quem come minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6, 54). É bom lembrar que já se encontra na plenitude dos tempos, quando a Eucaristia não será mais figura, mas realidade¹⁴. Uma realidade próxima em que o próprio Jesus, ao instruir os seus discípulos, Ele mesmo se coloca como exemplo, para que os seus assumam a responsabilidade da missão continuada.

1.2.1 A Instituição

Antes da festa da Páscoa, o Evangelista João, no capítulo 13, traz o gesto realizado por Jesus, antes de sua morte, quando narra a instituição do lava-pés. Sabendo que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, ou seja, a “passagem”, Jesus amou os seus discípulos (v. 1) e demonstrou para eles como cultivar um amor de doação, colocando-se Ele mesmo como mestre de comunhão e serviço. Jesus “levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (Jo 13, 4-5).

Qual era o objetivo de Jesus, ao lavar os pés dos discípulos? Era justamente o de educar para a comunhão e serviço, pois Ele diz: “Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros” (v, 14). E, por fim, Jesus ainda vai instruí-los quanto ao exemplo dado: “Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, também vós façais” (v. 15). Neste aspecto, o Senhor está preparando os seus discípulos para que deem exemplos de amor e comunhão, para que possam assumir o compromisso que implica em relações de unidade e de fraternidade. Analogicamente, em Lucas, justamente durante a última ceia, Jesus, falando com seus discípulos, compara-se a um servo: “Qual é o maior? Quem está a mesa ou quem serve? Não é quem está a mesa? Quanto a mim, estou em vosso meio como quem serve” (Lc 22, 27). Jesus não somente julga que seu gesto deva ser imitado, mas exige

¹³ DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2013, n. 1638.

¹⁴ CANTALAMESSA, 1993, p. 10.

expressamente que seja repetido: “Eu vos dei um exemplo, para que vós também façais como eu fiz” (Jo 13, 15).¹⁵

Jesus procurava sempre instruir os seus discípulos para que dessem continuidade à propagação do Reino, pois, em cada ação realizada já existia um sinal da graça que viria. Assim, os evangelistas – Mateus (Mt 14, 13-21; 14, 32-38), Marcos (Mc 6, 34-44; 8, 1-9), Lucas (Lc 9, 10-17) e João (Jo 6, 1-16) – trazem, como primeiro sinal consistente da Eucaristia, a multiplicação dos pães e dos peixes. Um momento oportuno no qual, estando com seus discípulos em meio à multidão, o Senhor os vai preparando para que, no momento certo, eles celebrem juntamente com o Senhor a Páscoa e possam celebrar a Eucaristia.

Durante sua vida pública, Jesus deve ter celebrado muito a Páscoa, pois ele observava sempre a lei e a colocava em prática (Mt 5, 17-19). Como era de costume e tradição, todos os anos os homens, por três vezes, deveriam comparecer diante de Iahweh, no lugar que ele houvesse escolhido: “na festa dos Ázimos, na festa das Semanas e na festa das Tendas” (Dt 16, 16), ou seja, toda pessoa do sexo masculino tinha a obrigação de ir às três festas principais, segundo o preceito enunciado em Ex 23, 17. Mas a festa mais importante e desejada por Jesus foi a do último ano de sua vida, quando “desejou ardentemente comer a Páscoa com os seus discípulos” (Lc 22, 14-20). Nesta ocasião, estando com os seus, Ele também torna presente antecipadamente a sua morte.

No primeiro dia dos ázimos, quando se imolava a Páscoa, os seus discípulos lhe disseram: “Senhor, onde queres que façamos os preparativos para comerdes a Páscoa?” (Mc 14, 12). Jesus os orientou e enviou dois de seus discípulos para a cidade a falar com o dono de uma casa. Ali, no andar superior, eles preparam a Páscoa (v. 16). Foi aí, portanto, o local do grande acontecimento. Estando com os seus no lugar preparado, Jesus instituiu o sacrifício eucarístico de seu corpo e sangue a fim de que, por ele, perdure o sacrifício da cruz até sua vinda¹⁶. O Concílio Vaticano II ressalta acerca da importância do fazer memória ao sacrifício de Cristo:

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura.¹⁷

¹⁵ PENNA, R. *A ceia do Senhor: dimensão histórica e ideal*. São Paulo: edições Loyola, 2018, p. 29.

¹⁶ DENZINGER, 2013, n. 4047.

¹⁷ SACROSSANTUM CONCILIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997, n. 47.

A narração bíblica da última ceia de Cristo está contida nos Sinóticos: Mateus (26, 26-28), Marcos (14, 22-24) e Lucas (22, 19-20). E na primeira carta aos Coríntios (11, 23-25).¹⁸ Em cada uma das narrativas são abordadas características que apontam para duas realidades: uma passada e a outra presente, mas que se perpetuam. De um lado, o rito pascal judaico e, do outro, o momento da instituição do rito pascal cristão. Assim como Israel tornou-se o povo de Deus através da antiga aliança do Sinai, Jesus, ao celebrar uma nova e eterna aliança na instituição da Eucaristia, deu origem a um novo povo.

Dentre os ritos da liturgia cristã, um dos que atualizam os efeitos divinos ao longo da história da salvação é justamente o memorial, o qual está ligado estritamente à Aliança de Deus com Abraão e sua descendência, que perpetua e atinge seu cume em Jesus Cristo, que no seu “presente” reunia “o passado” e “o futuro” dessa história.¹⁹

1.2.2 Fazei isto em memória de mim

No aspecto litúrgico o termo “memória” ultrapassa o sentido comum e análogo de recordação como retenção de lembrança, de fatos, ocasiões, dados ou pessoas. Taborda vai expressar bem o sentido do “Memorial”, quando diz: “essa é a melhor tradução do grego *anámnesis* que ocorre nas palavras de Jesus na última ceia, ao instituir a Eucaristia”.²⁰ O mesmo autor dirá sobre algumas dimensões que devem ser contempladas, para que se abranja toda sua riqueza. São elas: a dimensão do ato de “recordar-se”, um voltar ao passado, do sujeito que pensa, dos complementos que possibilitam o lembrar de Deus e do tempo que é lembrado.²¹

Na celebração da última ceia, de algum modo Jesus se lembrou do sangue do cordeiro, aspergido nas portas dos hebreus, que estavam sob o domínio do Faraó (Ex 24, 8), e que foram poupados da morte. Durante a ceia derradeira, após ter feito o memorial da libertação do Êxodo e pronunciado a bênção sobre o pão ázimo, o Senhor surpreende os discípulos com as palavras que se perpetuam, resistindo ao desgaste dos séculos: “Tomai, isto é o meu corpo”²² (Lc 22,

¹⁸ MARSILI, 1986, p. 159.

¹⁹ MARSILI, 1986, p. 170.

²⁰ F. TABORDA, O Memorial da páscoa do Senhor. São Paulo: Loyola, 2009, p. 64.

²¹ TABORDA, 2009, p. 65.

²² É importante ressaltar a identificação que Paulo faz em relação “a memória de Cristo” com a “memória-proclamação de sua morte”, é sinal evidente de que para ele a participação na “ceia do Senhor” é participação no “corpo-calice” de Cristo, que se encontram sobre a “mesa-altar do Senhor” (1Cor 10, 16-21). (MARSILI, 1986, p. 22)

19). “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 28).²³

Este rito, que Cristo deixou como memorial de sua Páscoa, é a dupla entrega de seu corpo e de seu sangue, simbolizados no pão e no vinho, que serão agora introduzidos pelos discípulos como um ato novo e definitivo²⁴, o memorial do sacrifício de Jesus, que passa a ser perpetuado pelos apóstolos (CEC, 610 - 611).

Entres os Evangelhos Sinóticos, pode se encontrar algumas características comuns, mas o Evangelho de Lucas 22, 19 traz algo peculiar, ou seja, o convite de Jesus aos seus discípulos, convite este que pode ser interpretado como um mandato. Na noite da instituição, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu e deu-o a eles dizendo: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória” (Lc 22, 19). Um mandato transmitido aos seus discípulos para que repetissem o seu gesto, fazendo memória da Páscoa – paixão, morte e ressurreição.

O mandato de Jesus se estende a toda a Igreja reunida em assembleia, e nela se atualiza todas as vezes em que é celebrado o sacramento da Eucaristia, estando sobre o altar as espécies do pão e o vinho, transformados no corpo e sangue de Cristo. Neste sacramento se faz “memória” da obra redentora, dando graças e bendizendo por tudo o que o Senhor realizara. “Fazei isto em memória de mim, e todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha”.²⁵

No ato da instituição, Jesus consagra a palavra “memória”, uma categoria que une, de um modo ideal, a Eucaristia à Páscoa hebraica, que era também, como se sabe, um “memorial” (cf. Ex 12, 14). O Pe. Raniero Cantalamessa vai expressar bem o sentido de “memorial” quando escreve:

O memorial eucarístico tem uma dupla dimensão, ou um duplo significado: um que diz respeito a Deus e um que diz respeito ao homem. De um modo geral, ele expressa que o memorial consiste em fazer memória de Jesus ao Pai, em convidar o Pai a lembrar-se de tudo o que Jesus fez por nós, e, por amor dele, perdoar-nos e ser-nos benigno e complacente. Já nós, com outras palavras, lembramos Jesus ao Pai, para que o Pai se lembre de nós.²⁶

O mandato de Jesus se estende a toda sua Igreja, perpassando os apóstolos, papas, bispos e presbíteros. Em todos os momentos, sempre houve o “fazer memória” da ação salvífica de Cristo, que se concretiza na Eucaristia, como um ato sacramental, litúrgico, no qual o Espírito

²³ GOPEGUI, 2008, p. 69.

²⁴ MAZZAROLO, I. *A eucaristia: memorial da nova aliança: comunidade e rupturas*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 82.

²⁵ MARSILI, 1986, p. 22-23.

²⁶ CANTALAMESSA, 1993, p. 75.

Santo atualiza a eficácia desse acontecimento do Senhor crucificado, hoje glorificado junto do Pai e entre si, no Cristo Salvador e Senhor.²⁷

1.3 Eucaristia nos Padres da Igreja

Os Padres da Igreja elaboraram uma rica espiritualidade eucarística a partir das palavras de Jesus, que sempre se repete na liturgia: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19). Para eles a fonte e o ápice são a contínua memória de Jesus (EE, n. 77). Entendem que a Eucaristia é um dos sacramentos mais preciosos na vida de um sacerdote, pois ele foi instruído para levar esse alimento a todos, a fazer comunhão, a transmitir a verdade e a estar presente onde os cristãos se reúnem para celebrar com muito gosto a unidade com Jesus (Lc 22, 19). Assim, os Santos Padres retomam a importância da Eucaristia na vida da Igreja, do sacerdote e do povo de Deus. É importante ressaltar que, nos Padres e na Liturgia, a eucaristia está presente de modo marcante, em sentido tanto memorial quanto mistério-sacramental. Veremos o que alguns Padres falavam sobre a Eucaristia.

Pseudo-Hipólito declara que a última Ceia era a páscoa que Jesus desejava sofrer por nós. Um desejo claro e expressivo da parte do Senhor, que oferece por amor o seu próprio corpo e sangue como comida e bebida de salvação. Hipólito faz um resgate em sua homilia sobre o valor real da paixão, um ato de amor de Deus, por intermédio de Cristo, à humanidade. Um ato que fez a diferença não só na vida dos discípulos – que tiveram a honra de estarem com Jesus naquela sala preparada para essa ocasião tão especial – mas também na vida de todo cristão que, pela fé desses homens de Deus, tem a graça e a satisfação de, juntos, comungar o Corpo e o Sangue do próprio Cristo.²⁸

Orígenes fala dos que querem realmente comer a ceia com o Senhor, e por isso não devem ficar no andar abaixo, mas sim no andar acima, o lugar preparado, o monte onde se fica mais próximo do Senhor, para ter a alegria de celebrar uma boa Páscoa. Estando próximos do Senhor, terão a graça de receber o cálice da Nova Aliança e o pão da bênção. É importante ficar próximo do Senhor, pois é Ele quem convida para o andar de cima, o lugar que foi cuidadosamente preparado, um lugar limpo e adornado. E todo aquele que aceita esse convite irá subir com o senhor e ele fará morada em seu coração.²⁹

Eusébio de Cesaréia faz uma ligação entre o Antigo e o Novo Testamento, dizendo:

²⁷ JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 522.

²⁸ MARSILI, 1986, p. 39.

²⁹ MARSILI, 1986, p. 40.

Os discípulos de Moisés imolavam o cordeiro pascal uma vez ao ano (...). Nós, ao contrário, celebrando a nossa Páscoa todos os domingos, somos sempre nutridos pelo seu corpo salvífico e sempre participamos do sangue do cordeiro, com os rins cingidos, de pé, em viagem para Deus, celebrando a festa da Páscoa.³⁰

Diferente de como acontecia no Antigo Testamento, hoje existe a graça de tomar o santo Corpo do Senhor que se renova todos os domingos na Santa Eucaristia. Tanto na Páscoa hebraica, quanto na do Novo Testamento, há a imolação de um cordeiro pascal, mas somente a partir do Novo Testamento, na Instituição é que há a alegria de receber no interior do homem, o corpo e o sangue de Jesus Cristo.³¹

João Crisóstomo faz memória da Páscoa celebrada pelo Senhor e pela Páscoa celebrada atualmente: “O mistério celebrado na Páscoa não tem nada a mais do que aquele que celebramos agora: é um único mistério, como uma é a graça do Espírito”. João Crisóstomo afirma que a realidade da Páscoa é a paixão do Senhor.³²

Pseudo-Crisóstomo vai dizer: “Tendo o Unigênito oferecido a si mesmo uma vez por todas em sacrifício e bastando isso para a salvação, não é mais necessário o sacrifício do cordeiro”. O sacrifício que Cristo faz é o suficiente para a salvação de todos. Por isso ele se entrega sem reservas, sem medidas, por completo. Assim, todas as vezes que o sacerdote toma em suas mãos o pão e o vinho, ele faz memória de uma ação salvífica que foi instituída pelo Senhor e que se tornará um para com todo aquele que abrir seu coração.³³

Gregório Nazianzeno descreve à Santa Eucaristia, ao dizer: “O Senhor deu da Páscoa aos discípulos no cenáculo, durante a refeição, no dia anterior à sua paixão; e nós o damos em nossas igrejas, antes de comermos e depois de sua ressurreição”.³⁴ São Gregório entende profundamente o sentido da Páscoa, ou seja, o sentido de se fazer memória ao mandato de Jesus, uma vez que Ele mesmo se deu aos seus discípulos, e os instruiu para que fizessem o mesmo.³⁵

São Jerônimo enfatiza algo que será primordial na vida de todo sacerdote e de todo o povo de Deus: “a graça de se celebrar a festa eterna do Cordeiro Imaculado”.³⁶ Ele faz memória do encontro de Jesus com seus discípulos e da participação deles na Páscoa do Senhor; uma Páscoa que se fará sempre presente, porque o homem jamais deve esquecer do grande amor do

³⁰ MARSILI, 1986, p. 40.

³¹ MARSILI, 1986, p. 40.

³² MARSILI, 1986, p. 41.

³³ MARSILI, 1986, p. 42.

³⁴ MARSILI, 1986, p. 43.

³⁵ MARSILI, 1986, p. 43.

³⁶ MARSILI, 1986, p. 43.

Pai que acolhe e alimenta o seu povo. E que agora se torna o próprio alimento em Cristo Jesus, para que, com a ação do Espírito Santo, todos possam deslumbrar desse momento ápice do mistério salvífico.³⁷

Por fim, Santo Agostinho vai dizer: “A celebração cotidiana da Páscoa deve servir-nos de contínua meditação de todas essas coisas”.³⁸ Então, Agostinho exorta a que não se reduza somente aos dias de Páscoa a sua atenção sobre os grandes acontecimentos, mas que a participação cotidiana no corpo e no sangue do Senhor deve fazer-nos compreender a importância do memorial da paixão e da ressurreição do Senhor.

Como podemos ver, cada um dos santos Padres citados traz uma referência particular quanto à graça de se celebrar a Páscoa, de estar em comunhão com Jesus, de subir para o andar de cima e, enfim, de ceiar com Ele. Desde o momento da preparação da ceia, até o mandato do “fazei”, todas as ações realizadas foram para que todo aquele que crer verdadeiramente e guardar em seu coração os mandatos do Senhor, tenha a vida eterna.

1.4 Jesus o eterno e Sumo Sacerdote

Todas as prefigurações do sacerdócio da antiga Aliança encontram seu cumprimento em Cristo Jesus: “Pois há um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate de todos” (1Tm 2, 5). O Antigo Testamento apresenta como prefiguração do sacerdócio de Cristo, Melquisedec, considerado o sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14, 18), “rei de *Salém*, cujo nome significa “rei de justiça” (Hb 7, 2). Com efeito, no Novo Testamento, o novo povo de Deus, isto é, a Igreja, tem um só Sumo e eterno Sacerdote, o próprio Jesus Cristo. Jesus, segundo a ordem de Melquisedec, é o Sumo e eterno Sacerdote, aquele que fez a maior das oferendas a Deus, entregando o seu próprio corpo pelos pecados da humanidade, em um sacrifício contínuo. Cristo é sacerdote eterno, enquanto exerce no céu sua função de mediador e de intercessor (cf. Rm 8, 34; 1Jo 2, 1). Sua intercessão é análoga à do Espírito Santo, que intervém junto a Deus em favor dos seus (Rm 8, 27). Por isso a ação de Cristo tem um valor salvífico.

O valor salvífico de Deus, segundo Jesus, cria a oportunidade para todos poderem participar, como convidados do grande banquete do Rei, e, um dia, morar nas muitas casas preparadas na casa do Pai. Jesus anuncia por palavras e obras que, não mais haverá tristeza, luto

³⁷ MARSILI, 1986, p. 43.

³⁸ MARSILI, 1986, p. 43.

ou dor. Porque Deus é verdadeiramente salvador, Jesus não teme entregar sua vida por todos, inclusive desejando ardentemente fazer a ceia de despedida com os seus amigos, porque Ele só tornará a beber com eles o fruto da videira quando o Reino (salvífico) estiver implantado.

Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: "Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus". Então, tomando um cálice," deu graças e disse: "Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus" (Lc 22, 14- 18).

Jesus não teme a entregar a sua vida pelos seus, porque Ele é o “novo Adão”, nascido filho da humanidade, que também sofreu nossas dores e nossos limites. Foi homem, situado no tempo e no espaço. Aprendeu a crescer em idade, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2, 52). Pelas limitações e sofrimentos, aprendeu a obedecer a Deus, e essa obediência o coloca como o sacrifício redentor, “e, levado à perfeição, tornou-se para todos os que lhe obedecem, princípio de salvação eterna, tendo recebido de Deus o título de Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec” (Hb 5, 8.10).

O Catecismo da Igreja Católica vai nos apontar para dois aspectos, a saber: *único e realizado*, fazendo referência ao sacrifício redentor de Cristo que se perpetuará até a sua volta:

O sacrifício redentor de Cristo é único, realizado uma vez por todas. O mesmo acontece com o único sacerdócio de Cristo: torna-se presente pelo sacerdócio ministerial, sem diminuir em nada a unicidade do sacerdócio de Cristo (CEC, n. 1544-1545).

Tendo o Unigênito oferecido a Si mesmo, uma vez por todas em sacrifício e, bastando isso para a salvação, se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como homem³⁹ abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz (Fl 2, 7-8). Jesus é o Sumo e eterno Sacerdote, o que tem o poder de uma vida infinita, Ele que participa da mesma carne e do mesmo sangue dos que veio salvar, com o objetivo de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o diabo (Hb 2, 14). A morte de Jesus alcança para nós, não só o perdão dos nossos pecados, mas também restaura a ordem perturbada pelo mal. A morte cancela e destrói a desordem do pecado e nos garante a renovação da ordem perdida, abrindo a possibilidade da ressurreição e da vida nova.

³⁹ A nota de rodapé da Bíblia Jerusalém “I”, p. 2049, afirma: “Embora diferente em seu modo de ser, Cristo participou da natureza humana comum a todos”. A natureza humana de Jesus Cristo não tem uma existência própria, pois subsiste na hipóstase do *Logos*. Isto não anula ou nega a perfeita humanidade dos homens porque, em Jesus, ela se amplia em perfeição do divino.

Desta forma, pode-se dizer que Jesus é, por excelência, o sacerdote eminente (Hb 10, 19), constituído sobre a casa de Deus, Ele que se revela aos seus e os conduz a serem seus imitadores (1Cor 11,1).

Jesus é o Sumo e eterno Sacerdote de uma ordem superior. Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, elevado mais alto do que os seus (Hb 7, 26). Ele que era de outra ordem, a de Melquisedec (Hb 7, 1 -28), tinha um sacerdócio com realeza (Sl 110,4), perfeito (Hb 7,11), imutável (v, 12), eterno (v, 17), santo (v, 26), inculpável e imaculado (Hb 7, 26; 2Cor 5, 21).

Jesus é o cordeiro (Jo 1, 29), que se oferece como expiação dos pecados da humanidade, e instrui aos homens (discípulos/presbíteros) a fazerem o mesmo, seguindo seu mandato: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19).

Na alegria do Senhor, e para dar continuidade ao anúncio do Reino, o Senhor convoca homens para a missão (Mt 19, 4). Esses homens são intitulados na Igreja como sacerdotes (Presbíteros). Esses têm como sua principal função a apresentação do Sacrifício de Cristo na cruz, que é tornado presente na celebração da Santa Missa. O Concílio Vaticano II nos direciona, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ao afirmar:

Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” (1 Cor. 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cfr. 1 Cor. 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos (LG, n. 3).

Segundo a *Lumen Gentium*, esses homens, chamados e tirados do meio do povo, e agora instruídos, têm a missão de anunciar a todos a Palavra de Deus. Lembrando que é no culto, ou celebração eucarística, que eles exercem o seu múnus sagrado, atuando em nome de Cristo como sacerdotes.⁴⁰ Porquanto, todo sumo sacerdote, tirado do meio dos homens, é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados (Hb 5, 1).

A conclusão é que ao longo deste primeiro capítulo, percebemos toda uma ação salvadora de Cristo, por meio da Eucaristia, desde o Antigo Testamento, – com a prefiguração da Eucaristia no maná, no pão e o vinho, no sacrifício do cordeiro e nos pães ázimos – ao Novo Testamento, com a instituição da Eucaristia e do sacerdócio na última ceia (Mt 26, 26-28; Mc

⁴⁰ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997, n. 28.

14, 22-24; Lc 22, 19-20; 1Cor 11, 23-25). O próprio Cristo, o cordeiro de Deus, é quem se oferece como alimento de vida eterna a todos que, de coração contrito, o recebem. Ele vai dizer: “Quem come minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6, 54).

Jesus se reúne com seus discípulos, em torno de uma mesa, para mostrar a importância do estar em comunhão, uma vez que a mesa é o lugar peculiar do encontro, da união e onde acontece a partilha (Mc 14, 22-25). Jesus Cristo, em meio aos seus, é o sacramento primordial, o sinal de Deus por excelência. Ele que cuida e dá o exemplo aos seus, de como ser humilde no relacionamento uns com os outros (Jo 13, 14). Ele recorda aos seus discípulos a que façam memória de suas palavras e gestos, para dar continuidade ao anúncio do Reino (Lc 22, 19). E assim fizeram os discípulos, perpetrando a memória da obra redentora, dando graças e bendizendo por tudo o que o Senhor realizara.

Ao longo da trajetória da Igreja, os santos Padres também assumiram com veemência o mandato do Senhor. E colocaram em prática, ressaltando a beleza de poder comungar, de estar em unidade e celebrar a Páscoa do Senhor, não só aos domingos e dias festivos, mas todos os dias. A esses, que são fortalecidos pela graça de Deus, a Eucaristia age impulsionando-os a darem testemunho da grandeza de Deus, que se torna para todos o Alimento de Salvação.

Todo aquele que der um bom testemunho, como bom pastor, levará outros homens, também chamados a esta união com Cristo, a se tornarem Presbíteros. Isto é, homens da Palavra, que levarão à frente a missão a eles dada por Cristo (Lc 22, 19). Pois, para estes, a Eucaristia é, sim, fonte e ápice de suas vocações.

2. A IDENTIDADE DO PRESBITERO

Para entender a identidade do Presbítero, é preciso conhecer a sua raiz. A revelação bíblica afirma que todo sumo sacerdote, tirado do meio dos homens, é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus (Hb 5, 1), capacitado (1Pd 2, 9), e, instruído (Mt 7, 24) com a função de oferecer dons e sacrifícios pelos pecados do povo. Agora, este tem a missão de dar continuidade ao mandato do Senhor, no “ide” (Mc 16, 15). Por este motivo, o Senhor instituiu na última ceia o sacramento da Ordem (Mt 26, 26-28). Trata-se de um sacramento que impulsiona o sacerdote a exercer o dom da vocação ao presbiterado. Esse dom é conferido por Deus ao coração de alguns homens⁴¹; por isso, o presbítero é escolhido, consagrado e enviado para atualizar eficazmente a missão eterna de Cristo e do Espírito Santo, de quem se torna autêntico representante.

O sacramento da Ordem (do presbiterado) foi instituído por Jesus Cristo na quinta-feira santa, juntamente com a Eucaristia (1Cor 11, 24), para dar continuidade à celebração da Eucaristia, que é o sacrifício da Nova Aliança. O Senhor já estava preparando os seus discípulos para que dessem continuidade à sua missão. Ele é o sacerdote por excelência, que se oferece na cruz como sinal de reconciliação de Deus com os homens. Todavia, Ele vai precisar de homens corajosos, que ao colocar a mão no arado, não olhem para trás (Lc 9, 62), mas sigam em frente na missão dada por Deus a ele.

Para dar continuidade a essa missão de amor, o Apóstolo Paulo vai impulsionar a todos a serem também imitadores de Cristo (1Cor 1, 1), como ele mesmo o foi, ou seja, o Presbítero tem de ser um homem de Cristo, com a mesma determinação e entusiasmo que Jesus tinha em amar ao próximo e anunciar a Boa Nova. Cada um deve tomar posse do que Deus lhe concederá pela força do Espírito Santo.

Assim, afirma São Paulo: “Por isso, em virtude da graça que me foi concedida, eu peço a todos e a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém, mas uma justa estima, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um” (Rm 12, 3).

O homem, impulsionado pelo Espírito Santo, reconhece a presença de Jesus e passa a segui-Lo (Mt 20, 4). O Evangelista João aborda esse impulso que deriva do encontro:

⁴¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. O dom da vocação presbiteral: *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Brasília/DF: Edições CNBB, 2017, n. 1.

Portanto, pode se dizer que foi a mais bela das experiências dos primeiros discípulos que, ao encontrar Jesus, ficaram deslumbrados. É, tanto que o Evangelista João, vai trazer o encontro de Jesus com João e André. Jesus percebendo que eles os seguiam, se volta para eles e pergunta: “O que procuram? (Jo 1, 38). Eles responderam, onde moras? Uma pergunta que mudou completamente suas vidas, porque a resposta foi nítida e clara da parte de Jesus: “vinde e vede” (Jo 1, 39).

O Encontro com Cristo, dos primeiros discípulos, despertou no coração deles um ardor missionário, um desejo de ir aonde o Senhor os indicava. Este encontro continua a fascinar os homens até os dias atuais, porque o Senhor pede que levantem os olhos e olhem para os campos, porque já estão prontos para a colheita (Jo 4, 35). O ‘Vinde e vede’ continua a ecoar. O convite e o envio de Jesus aos discípulos/presbíteros vão determinando a sua verdadeira identidade no decorrer da missão.

A Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*,⁴² retrata bem tal característica da identidade, pois ela vem com o intuito de abordar a formação em suas diversas circunstâncias, apontando para o referencial da identidade do presbítero: esta última, como toda e qualquer identidade cristã, encontra na Santíssima Trindade a sua própria fonte. Além disso, existe uma relação existencial entre Jesus e o presbítero, o qual se deixa conduzir, pela ação do Espírito Santo, movido por um impulso missionário. Assim, vemos que a identidade do presbítero se forma em função do sacramento e da comunhão presbiteral, uma vez que ele foi chamado a ser ministro da salvação. Mais tarde, esclarece, de modo apropriado, o significado do seu ministério pastoral concreto na Paróquia.⁴³

2.1 A identidade do presbítero no Documento de Aparecida

O Documento de Aparecida⁴⁴ ressalta, em primeiro lugar, os exemplos das primeiras comunidades cristãs (cf. At 2, 46-47), como viviam e davam testemunho, louvando a Deus com muita simpatia. Assim, com o auxílio do Espírito Santo, a comunidade paroquial – “todos os batizados participando do único sacerdócio de Jesus Cristo”,⁴⁵ ao se reunir para partilhar o pão da

⁴² JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal ‘*Pastores Dabo Vobis*’ sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 12.

⁴³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Instrução ‘O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial’, 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 23.

⁴⁴ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. Nº 175. São Paulo: Paulinas, 2007.

⁴⁵ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *LUMEN GENTIUM*. Constituição Dogmática Sobre a Igreja do Concílio Vaticano II. Nº 10. In Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 17ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

Palavra e da Eucaristia, deve também celebrar com alegria o mistério salvífico, uma vez que a Eucaristia fortalece a comunidade dos discípulos e o povo de Deus, ela que é fonte e ponto alto da vida cristã.

Na ceia derradeira, o Senhor desejou estar com seus discípulos (Lc 22, 14-20) para que, ao instituir a Eucaristia, eles pudessem dar continuidade à celebração do mistério revelado, propondo a todos um caminho de conversão, de unidade e de abandono no Senhor. O Documento de Aparecida afirma: “A Eucaristia é sinal de unidade com todos, que prolonga e faz presente o mistério do Filho de Deus feito homem, o Sumo e Eterno Sacerdote” (DAp, n. 176).

O Documento de Aparecida apresenta três desafios de suma importância para a vida do presbítero – o homem da palavra e da comunhão. São eles:

1. **A Identidade Teológica:** o Concílio Vaticano II estabelece de forma clara o sacerdócio ministerial, como estando a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, sendo que, ambos participam do único sacerdócio de Cristo (LG, n. 10). O Presbítero tem de saber exercer o seu papel na comunidade, deixar-se ser conduzido pelo Espírito Santo e manter a união, pela Eucaristia, entre os fiéis e o próprio Cristo (DAp, n. 193).

2. **Ministério inserido na cultura atual:** o Presbítero é inserido numa determinada cultura e, portanto, ele é chamado a observar dois aspectos: o primeiro diz respeito a conhecer esta cultura e o segundo a de semear o Evangelho nesta mesma realidade. É missão do Presbítero fazer a mensagem de Jesus chegar aos corações, trazendo esperança para a vida do homem e da mulher de hoje (DAp, n. 194).

3. **Aspectos vitais e afetivos do celibato:** para que se concretize, na vida do Presbítero, os aspectos vitais e afetivos, ele precisa de amar o que faz, e realizar as suas tarefas pastorais sempre em comunhão com o Bispo e com os demais irmãos de presbitério. Por isso, ele deve ser, sim, um homem voltado à oração, consciente de sua opção de vida por Deus, através de uma perseverante doação e de uma zelosa devoção pela Santíssima Virgem (DAp, n. 195).

A partir desses três desafios, percebe-se que o Presbítero é um homem chamado a se configurar a Cristo, para que seja, como Ele, caminho de salvação e alimento para o povo de Deus. O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia, próximo a seu povo e servidor de todos (DAp, n. 198). Homens que tomam, como referência, o próprio Cristo que diz: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt. 14, 16; Mc 6, 37). É um verdadeiro colocar-se a serviço, abraçando a missão confiada. O Presbítero tem de estar no meio do povo, semeando a palavra de amor, e não mandando este povo embora, dispersando-o. É preciso

alimentar o povo com o maná, o alimento do amor, instruí-lo nos sacramentos e conduzi-lo à mesa eucarística. Ali, juntos tomarão o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Portanto, o presbítero, a exemplo de Cristo, precisa de se doar por completo pelo Reino, do qual deve fazer parte todo o povo de Deus.

O Presbítero é chamado ao seguimento de Jesus, configurando-se ao mestre e enviado a anunciar o Evangelho com a força do Espírito Santo. O Documento de Aparecida no número 129, demonstra o amor paternal de Deus que sai de Si mesmo para nos chamar a participar de sua vida e de sua glória. No Antigo Testamento, o povo de Israel passou a reconhecer as maravilhas realizadas por Deus, que o qualificavam como o “Deus vivo” (Dt 5, 26), Aquele que o liberta dos opressores (cf. Ex 3, 7-10), que o perdoa incansavelmente (cf. Ex 34, 6; Eclo 2, 11) e que, finalmente, restitui a salvação perdida quando o povo, envolvido “nas redes da morte” (Sl 116, 3), suplicante a Ele se dirige (Cf. Is 38, 16).

Ao escolher configurar-se ao Mestre, após um processo de escuta, discernimento e resposta a um chamado, começa um processo de santidade, através do discipulado. O presbítero não foi chamado para algo, mas para alguém (Mt 1, 17; 2, 14), para poder participar da mesma missão de Jesus (DAp, n. 129-135).

A configuração do presbítero a Cristo está contida no Documento de Aparecida no número 136s, ao abordar a relação de admiração que se cria pela pessoa de Cristo, que torna o presbítero capaz de responder ao chamado de forma livre e consciente; com o seu “sim”, que compromete radicalmente a liberdade do discípulo de se entregar a Jesus, Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14, 6).

Este configurar-se possibilita ao Presbítero agir como Jesus, falar como Jesus e alimentar o povo com a Eucaristia, como o próprio mestre fez na última ceia, agindo sempre de forma dinâmica e segura. Observando tais atitudes, vai sendo despertado no presbítero um fascínio ainda maior pelo Senhor, que o identifica ainda mais com Ele: no amor, nas bem-aventuranças, na misericórdia e na Eucaristia. Identificar-se com Jesus Cristo é também compartilhar seu destino: “Onde eu estiver, aí estará também o meu servo” (Jo 12, 26). (DAp, n. 136-142).

Os Presbíteros são enviados para anunciar o Evangelho. Ao chamar os seus discípulos para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: a de anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28, 19; Lc 24, 6-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz participar de sua missão, inserindo-o no mistério Pascal, de sua morte e ressurreição. Quando o discípulo está apaixonado por Cristo, ele não pode deixar de anunciar ao mundo que somente Ele nos salva (At 4, 14). Porque Ele nos amou por primeiro (DAp, n. 143-148). Um

amor que nos leva a ir além; que nos motiva a caminhar pelo deserto, conduzindo o povo de Deus, guiados pelo Espírito Santo, o mesmo que: “a partir de Pentecostes nutre a todos com a vitalidade divina que se expressa em diversos carismas e dons (DAp, n. 150).

Seguir, configurar-se e sair em missão: estes devem ser os papéis de todo presbítero que, a exemplo dos discípulos que estiveram com o Mestre, sem hesitar se colocaram em missão (Mc 3, 14). Levar o amor, a Eucaristia e a misericórdia a todas as pessoas de boa fé, imaginando a alegria do povo em acolher em seus lares os enviados do Senhor, os homens de Deus (1Tm 6, 11). Eles chegam para promover o encontro com a Eucaristia, o qual suscita o compromisso da evangelização e o impulso à solidariedade. Nele acontece o despertar do cristão de um forte desejo de anunciar o Evangelho e testemunhá-lo na sociedade, para que esta se torne mais justa.⁴⁶ Esta sociedade que deve levar em consideração a Eucaristia como centro da vida cristã. Da Eucaristia brotam a caridade, a fé e a esperança que, desde a última ceia, fluem para preencher a vida do presbítero, desde que se aproxime deste sacramento, como fonte, e a ele retorne, como ápice de sua vocação.

O Documento de Aparecida mostra como desta fonte surge o impulso missionário, o qual é fruto necessário da vida que a Trindade comunica aos seus discípulos. Assim descreve o documento:

Deste modo é produzida uma identidade entre os dois aspectos. Isto significa que não se concebe a possibilidade de se anunciar o Evangelho sem que este ilumine, infunda alento e esperança, inspirando soluções adequadas aos problemas da existência; muito menos que possa se pensar em uma verdadeira promoção do ser humano sem abri-lo a Deus e anunciar-lhe Jesus Cristo (DAp, n. 347).

A Lumen Gentium vai afirmar que o presbítero é enviado pelo Pai, através de Jesus:

É no interior do mistério da Igreja como comunhão trinitária em tensão missionária, que se revela a identidade cristã de cada um e, portanto, a específica identidade do sacerdote e do seu ministério. O presbítero, de fato, em virtude da consagração que recebe pelo sacramento da Ordem, é enviado pelo Pai, através de Jesus Cristo, ao qual como Cabeça e Pastor do seu povo é configurado de modo especial para viver e atuar, na força do Espírito Santo, ao serviço da Igreja e para a salvação do mundo (PDV, n. 12).

⁴⁶ Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na Sala de Conferência do Santuário de Aparecida – Discurso (13 de maio de 2007), n. 4. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 25 set. 2020.

A *Lumen Gentium* diz que: “os presbíteros, solícitos cooperadores da Ordem Episcopal, chamados para servir o Povo de Deus, formam, junto com seu bispo, um só pastoreio, dedicando a diversas tarefas” (LG, n. 28), dentre elas a de guia e pastor do rebanho.

O Presbítero, cooperador da ação de Cristo, se reveste do próprio Cristo – Cabeça e Pastor – tornando-se na comunidade sinal visível do amor de Deus, através do vínculo jurídico, espiritual e esponsal do Presbítero com o seu Bispo.⁴⁷ Estes, pelo Sacramento da Ordem, estão ligados com Cristo único sacerdote por um vínculo pessoal e indissolúvel. Como podemos ver na *Lumen Gentium*..:

Os presbíteros, embora não possuam o fastígio do pontificado e dependam dos Bispos no exercício do próprio poder, estão-lhes, porém, unidos na honra do sacerdócio e, por virtude do sacramento da Ordem (101), são consagrados, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote (Hebr. 5, 1-10; 7,24; 9, 11-28), para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento (LG, n. 28).

O ministério ordenado, em virtude da sua própria natureza, pode ser exercido apenas na medida em que o presbítero estiver unido a Cristo, mediante sua inserção sacramental na ordem presbiteral, e, por conseguinte, enquanto se encontrar em comunhão hierárquica com o próprio bispo (LG, n. 17). Estando em comunhão com Cristo, com o bispo, e com os irmãos de presbitério, a identidade do presbítero vai se revelando na fraternidade presbiteral.

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* vai declarar que:

Os presbíteros, elevados ao presbiterado pela ordenação, estão unidos em si numa íntima fraternidade sacramental. Especialmente na diocese a cujo serviço, sob o bispo respectivo, estão consagrados, formam um só presbitério. Embora ocupados em diferentes obras, exercem o mesmo ministério sacerdotal a favor dos homens. Cada presbítero se une, pois, com seus irmãos por vínculo de caridade, oração e mútua cooperação, e assim, se manifesta aquela unidade na qual Cristo quis que os seus fossem consumados, para que o mundo conheça que o Filho foi enviado pelo Pai.⁴⁸

O presbítero é chamado a ser um homem de comunhão, não centrado em si mesmo, mas que procura fortalecer a relação com seu bispo e com os demais irmãos de presbitério. Jesus, no momento da última ceia, estava com todos os seus discípulos, e desejou estar com eles; assim, o presbítero tem de desejar esta mesma unidade com seu bispo e com seus irmãos.

⁴⁷ LORSCHIEDER, Aloísio. Identidade e espiritualidade do Padre Diocesano. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 21-22.

⁴⁸ DECRETO CONCLILIAR PRESBYTERORUM ORDINIS. Documento do Concílio Vaticano II. Sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. São Paulo: Paulus, 1997, n. 8.

De onde, podemos dizer, brota a natureza do presbítero? De onde vem a sua missionariedade? Do exemplo e da missão do próprio Cristo e dos apóstolos. Eles, por sua vez, encontraram o sentido de fazer comunhão no sacrifício do próprio Jesus. O presbítero é o homem da comunhão. Em outras palavras, é ele quem, por intermédio do Espírito Santo, promove a comunhão entre o povo e Deus. Ou ainda, ele é a ponte que liga o coração do homem ao coração de Deus. Por isso, o presbítero tem de ser um homem de oração, que sobe ao monte para estar com o Pai todos os dias, para se fazer cumprir a vontade do d'Ele. “Tem que fazer cumprir com fidelidade o mistério, mantendo-se em diálogo e em oração com Cristo para um bom direcionamento da alma (PO, n. 18). Como recordava o Papa Bento XVI aos sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal:

A relação com Cristo, o diálogo pessoal com Cristo é uma prioridade pastoral fundamental, é condição para o nosso trabalho para os outros! E a oração não é algo marginal: a “profissão” do sacerdote é precisamente rezar, também como representante do povo que não sabe rezar ou não encontra tempo para fazê-lo⁴⁹.

O Sacerdote bem direcionado demonstra que está envolto de todo o mistério eucarístico, fazendo-se cumprir os desígnios do Senhor. Pois cabe agora ao Presbítero, além de testemunhar a Cristo, oferecê-LO, pois ele distribui à comunidade o corpo e o sangue de Cristo. Porém, antes de distribuir, ele é o primeiro a entrar em comunhão com Cristo e o primeiro a render graças por tamanhas maravilhas. Porque, para ele, o mistério eucarístico é um dom e também uma graça para a salvação de sua alma. A Eucaristia é o alimento por primazia para a vida do presbítero, que se enche da graça maior, e para todos os batizados, filhos de Deus: “pelo ministério dos presbíteros, o sacrifício espiritual dos fiéis, por sua vez, se consuma na união com o sacrifício de Cristo, único Mediador, sacrifício que, pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental, enquanto se espera a vinda do próprio Senhor” (PO, n. 2).

2.2 A Eucaristia, fonte da espiritualidade presbiteral

O Documento da Congregação para o Clero, com o título: “A Eucaristia e o Sacerdócio”, traz uma referência peculiar da Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (EE), do Sumo Pontífice João Paulo II, fazendo referência ao sacrifício de Cristo e ao sacrifício da Eucaristia:

⁴⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 48.

A Missa é o memorial do sacrifício da cruz: "A Igreja vive continuamente do sacrifício redentor, e tem acesso a ele não só através de uma lembrança cheia de fé, mas também com um contato atual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado. Deste modo, a Eucaristia aplica aos homens de hoje a reconciliação obtida de uma vez para sempre por Cristo para a humanidade de todos os tempos. Com efeito, "o sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício".⁵⁰

O Presbítero é o homem da comunhão, um "homem de Deus" (1Tm 6, 11). Ele está incorporado a Cristo, pelo batismo e pela ordenação, colocando-se a serviço da comunidade (Igreja), a qual não cessa nunca de reviver a sua morte na Cruz e a sua ressurreição, que constituem o conteúdo da vida quotidiana da mesma Igreja.

O Papa João Paulo II afirma na encíclica *Redemptor hominis*, que é por mandato do próprio Cristo, seu Mestre – "fazei isto em memória de mim" – que a Igreja celebra incessantemente a Eucaristia, encontrando nela "a fonte da vida e da santidade", o sinal eficaz da graça e da reconciliação com Deus e o penhor da vida eterna.⁵¹

A Igreja tira a força espiritual de que necessita, para levar a cabo a sua missão de perpetuação do sacrifício da cruz, na Eucaristia, da comunhão do Corpo e Sangue de Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente ápice de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n'Ele, com o Pai e com o Espírito Santo (RH, n. 22).

Sendo o sacerdote homem da comunhão, cabe a ele a responsabilidade, a partir do mandato do Senhor, pela edificação de uma nova sociedade em Cristo. Mais particularmente, ele tem a responsabilidade de oferecer um testemunho de fé na presença nova que brota de cada consagração, realizada na Igreja, onde se transforma o pão e o vinho em Corpo e Sangue do Senhor. Por isso, a Igreja é apostólica enquanto "continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos Apóstolos até o regresso de Cristo, graças àqueles que lhes sucedem no ofício pastoral": o Colégio dos Bispos, assistido pelos presbíteros, em união com o Sucessor de Pedro, Pastor supremo da Igreja (EE, n. 28).

⁵⁰ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia nas suas relações com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 12.

⁵¹ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptor hominis*. São Paulo: Loyola, 1979, Cap. II, n. 7.

2.3 O presbítero e o povo de Deus “Eis que vos envio”

Como foi apresentado anteriormente, a respeito da identidade do presbítero, percebemos que ele é membro do povo de Deus, além de ser um cristão que vive seu ministério em Cristo, a partir do Espírito, no serviço sacerdotal à sua comunidade. E faz isso, tendo sempre consciência de sua participação na tríplice missão de Cristo, no seu tríplice múnus – sacerdotal, profético e real (RH, n. 18). Por isso, pode-se dizer que a espiritualidade presbiteral se enraíza na espiritualidade cristã, embora tenha características próprias. Não é possível ser presbítero sem antes, ser cristão.

A *Pastores Dabo Vobis* traz a identificação do Presbítero como ‘Homem da Palavra’, que tem a missão de levar o conhecimento da verdade ao povo de Deus:

O Sacerdote é *ministro da Palavra de Deus*, é consagrado e enviado a anunciar a todos o Evangelho do Reino, chamando cada homem à obediência da fé e conduzindo os crentes a um conhecimento e comunhão sempre mais profundos do mistério de Deus, revelado e comunicado a nós em Cristo (PDV, n. 12).

A Exortação mostra uma relação que possibilita ao povo de Deus continuar em peregrinação, avançando pela porta estreita da cruz, em direção ao banquete celeste, quando todos os eleitos se sentarão à mesa do Reino (CEC, n. 1344). Por meio desta relação de Deus com seu povo, por intermédio do Presbítero, o Senhor concede a este o mandato de transmitir a verdade e de ensinar a doutrina, renovando no coração do povo um particular sentido da fé (RH, n. 18).

O povo de Deus busca no sacerdote uma identidade sacramental. Essa identidade deve fazer parte da própria missão sacerdotal, em virtude da qual o presbítero é feito participante da solicitude de toda a Igreja (PO, n. 11). Busca também ver uma assimilação progressiva da pessoa do Presbítero com a pessoa do Sumo e Eterno Sacerdote, cuja finalidade, a exemplo do próprio Cristo, é a de servir e dar a sua vida em resgate de muitos (Mt 20, 28), ou seja, de se fazer presente e cuidar do rebanho (DMVP, n. 2).

O presbítero precisa de ser um homem de comunhão e de caridade, desempenhando na comunidade o papel de Bom Pastor, isto é, o de conduzir o povo ao coração de Deus. Além disso, precisa de levar, por meio de seu ministério, o alimento salutar, a Eucaristia que, como enfatizamos, se apresenta como fonte e ápice de toda a vida presbiteral, e também faz o presbítero ser inserido e do mesmo modo inserir o povo de Deus intimamente no mistério de Cristo (PO, n. 14).

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* define o referencial da vivência do presbítero com o povo de Deus, da seguinte forma:

Fazendo todo o sacerdote, a seu modo, as vezes da própria pessoa de Cristo, de igual forma é enriquecido de graça especial para que, servindo todo o Povo de Deus e a porção que lhe foi confiada, possa alcançar de maneira conveniente a perfeição d'Aquele de quem faz as vezes, e cure a fraqueza humana da carne a santidade d'Aquele que por nós se fez pontífice, “santo, inocente, impoluto, separado dos pecadores” (PO, n. 12).

O Presbítero é, e deve ser sempre, uma pessoa que age "*in persona Christi*", que seja fervoroso na oração⁵², que pratique a caridade pastoral e que oriente o povo de Deus à salvação (PDV, n. 33).

O Presbítero tem a firme missão de conduzir o povo de Deus, a exemplo de Moisés e Aarão no Antigo Testamento (Ex 12, 27-38), e conforme Cristo fez no Novo Testamento. Nesta jornada, o próprio Cristo nutre o discípulo com o seu Corpo e com seu Sangue (Lc 22, 19), capacitando-os e enviando-os: “Eis que vos envio” (Mt 10, 16). Sabendo estes dos desafios a serem enfrentados, não temem. Antes, confiam na força do Espírito Santo, que os fará fortes e capazes de se tornarem vitoriosos no Senhor. O Presbítero será presença viva, eficaz e atuante de Cristo o Bom Pastor, na comunidade onde reside, tendo sempre o encargo de conduzir o povo fiel à mais autêntica caridade eclesial.

A *Sacrosanctum Concilium*, em relação ao povo de Deus, vai afirmar: “A Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos”,⁵³ mas que “participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações” (SC, n. 48). A Igreja é a mãe que cuida, zela e protege, fazendo sempre que todos sejam instruídos na Palavra de Deus; e que sejam alimentados na mesa do corpo do Senhor, e que repletos de júbilo, possam ao final, dar graças ao Senhor (SC, n. 48).

Assim como o povo de Deus, os presbíteros também devem perseverar na oração e no louvor a Deus (At 2, 42-47). Ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (Rm 12, 1), e deem testemunho de Cristo em toda parte. Por fim, se a eles for pedido, deem razão da esperança de vida eterna que neles habita (LG, n. 28).

⁵² É necessário, portanto, que na vida de oração não falte nunca a celebração eucarística cotidiana, com adequada preparação e sucessiva ação de graças (EE, n. 50).

⁵³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *SACROSANCTUM CONCILIUM*. Constituição Dogmática Sobre a Sagrada Liturgia. In *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 17ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984, n. 48

As palavras do Apóstolo Pedro trazem, em si, um sentido de comunhão e partilha de seus dons e graças, quando diz: “Cada um ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu, como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1Pd. 4, 10), (LG, n. 13). Assim como os Presbíteros são chamados a serem servidores, o povo de Deus também é convocado a ser colaborador na messe, com homens e mulheres dedicados às coisas de Deus, colocando em prática a sua vocação e missão.

Todos esses aspectos devem estar ligados à vocação, tanto do Presbítero como do povo santo de Deus. Por um lado, o carisma da vocação sacerdotal, ordenado ao culto divino e ao serviço pastoral do povo de Deus, torna-se concreto após o exame e a aceitação de quem possui na Igreja o poder e a responsabilidade do ministério ao serviço da comunidade eclesial, ou seja, o Bispo⁵⁴. Este último, com o apoio do Presbítero e do povo de Deus, é quem coloca em prática os exercícios da liturgia. Com efeito, a liturgia é o cimo para qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força (SC, n. 10), que nutre de graças e dons o povo de Deus.

2.4 A Caridade Pastoral

Pôde constatar, vários elementos que correspondem à espiritualidade do Presbítero, tais como: um homem da Palavra e da comunhão, voltado à oração e chamado a configurar-se a Cristo. Entre todos esses elementos, o que pode ser determinante na vida deste homem da Palavra e da Eucaristia, é o elemento da *caridade pastoral*. É importante lembrar que “Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo. 4,16). Ora, Deus difundiu a sua caridade nos nossos corações, por meio do Espírito Santo, que nos foi dado (cfr. Rom. 5,5). Sendo assim, o primeiro e mais necessário dom é a caridade, com o qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor d'Ele (LG, n. 42).

Trata-se de uma caridade que flui do próprio Cristo. E Ele, para continuar a fazer no mundo, sem cessar, a vontade do Pai, escolheu atuar pelos seus ministros. Ou seja, os Presbíteros, ao fazer as vezes do Bom Pastor encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e ação (PO, n. 14). A caridade, que move o presbítero a praticar sempre o bem, a amar e a corresponder à vontade de Deus, flui, sobretudo, do sacrifício eucarístico, que permanece o centro e a raiz de toda a vida

⁵⁴ PAULO VI. Carta Encíclica Sacerdotalis Caelibatus (1967), sobre o Celibato Sacerdotal. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis.html Acesso em 25 set. 2020.

do presbítero. Portanto, a caridade pastoral instiga os presbíteros a agir e, nesta comunhão, a entregar a sua vontade por obediência ao serviço de Deus e dos seus irmãos (PO, n. 15).

A *Pastoris Dabo Vobis* vai dizer que “O princípio interior, a virtude que orienta e anima a vida espiritual do Presbítero, enquanto configurado a Cristo, o Sumo Sacerdote e Pastor, é a caridade pastoral” (PDV, n. 15). É essa caridade que gera a unidade entre todos os elementos, formando a identidade do presbítero, uma identidade que o torna partícipe do próprio Cristo Pastor.

O Presbítero deve ser um verdadeiro imitador de Cristo (1Cor 11, 1), um sinal de amor, de fé, de esperança e de caridade. E a caridade pastoral é feita de bondade, de gestos, de atenção e disponibilidade. Todas essas ações vão possibilitando ao Presbítero ser, de fato, um homem da caridade. Este homem foi chamado, pelo Senhor, para uma grande missão: a de praticar a caridade e ser sinal de graça para os irmãos. A *Pastoris Dabo Vobis* vai assim se expressar:

O conteúdo essencial da caridade pastoral é o *dom de si*, o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo. "A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Não é apenas aquilo que fazemos, mas o *dom de nós mesmos* que manifesta o amor de Cristo pelo seu rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas. E não deixa de ser particularmente exigente para nós" (PDV, n. 23).

O Presbítero é o homem do povo, o homem que deve exercer o seu ministério no meio da multidão, em especial entre os mais pobres, a fim de que possa realizar, junto a eles, o seu trabalho de caridade pastoral, semeando em seus corações a semente do Evangelho e alimentando-os com a Eucaristia. Recordando que a Eucaristia é a atualização da entrega de Jesus Cristo ao Pai, pela humanidade.

E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo. “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: “Essa taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22, 19).

Como podemos ver, a Eucaristia é a centralidade da caridade pastoral de Cristo. Por isso, a exemplo de Cristo, o presbítero é chamado a dar a sua vida, por completo, no serviço à comunidade, ao povo de Deus, sem se deixar esfriar. Antes, deve abastecer-se sempre de sua fonte que é a Eucaristia, procurando trabalhar continuamente em união com os Bispos e com os outros irmãos no sacerdócio. Procedendo assim, encontrarão os presbíteros a unidade da própria existência em conformidade com a missão da Igreja. Poderão, assim, unir-se ao Senhor

e, por meio d'Ele, ao Pai, no Espírito Santo, a fim de que possam encher-se de consolação e superabundar na alegria (PO, n. 14).

Tal alegria deve existir na relação do Bispo com o sacerdote, e do sacerdote para com o povo de Deus (ESC, n. 93). Deve ser uma relação mútua de amor, de entrega, de doação, de partilha e de fé. Por isso, cabe ao presbítero ter uma atitude consoladora e amável, para que possa consolidar e amar aqueles que vivem em situação de desespero, ou que estão distantes da graça.

Dom Aloísio, em seu livro *Identidade e Espiritualidade do Padre Diocesano*, vai escrever que o Padre deve ser, sem dúvida, um homem de atitudes e modelo, tanto para o clero, como para o povo de Deus:

É por este motivo que o presbítero deve ser constantemente modelo para os fiéis, seja na palavra, na conduta, na caridade ou na pureza (1Tm 4, 12-16). É preciso apascentar o rebanho de Deus, cuidando dele, não coagindo, mas de livre vontade, como Deus quer, nem por torpe ganância, mas por devoção, nem como senhores daqueles que lhe couberam por sorte, e sim como modelo do rebanho (1Pd 5, 2-3).⁵⁵

No âmbito de sua identidade, o presbítero vive de maneira integral a caridade pastoral, sabendo ele que a verdadeira caridade brota do amor trinitário de Deus. Além disso, tal caridade fortalece-se pela leitura bíblica e pela escuta atenta do magistério da Igreja. Por fim, alimenta-se da Eucaristia, consolida-se na vivência fraterna da comunidade cristã e termina se manifestando de forma universal, gratuita e criativa.

Por fim, é no âmbito da identidade presbiteral que se qualifica o Presbítero como o homem da Eucaristia e que, ao mesmo tempo, é impulsionado pelo Espírito Santo a direcionar tanto os homens quanto as mulheres de boa-fé ao encontro com Deus. Sendo eles cooperadores de Cristo, na missão do anúncio do Reino, os presbíteros se tornam, por excelência, homens da comunhão.

Os Presbíteros encontram sua força e fé na Eucaristia, ela é fonte de sua identidade e realização pessoal. Por isso, o presbítero consegue cumprir a missão de conduzir o povo de Deus, agindo *in persona Christi*, uma vez que ele foi chamado ao seguimento de Jesus Cristo, configurado ao mestre e enviado a anunciar o Evangelho. Tudo isso, impulsionado pelo Espírito Santo e agindo em meio ao povo de Deus.

⁵⁵ LORSCHIEDER, 2007. p. 75.

3. A MISSÃO DO PRESBÍTERO

No capítulo anterior, sobre a identidade do presbítero, percebemos que sua verdadeira identidade está marcada pela relação com Deus, em Cristo, e com a Igreja particular, através de seu vínculo de comunhão com o Bispo e o presbitério, de modo específico na caridade pastoral. Esta que, “intimamente conexa à Eucaristia, constitui o princípio interior e dinâmico capaz de unificar as múltiplas e diversas atividades pastorais do presbítero e conduzir os homens à vida da Graça”.⁵⁶ Identidade esta que se configura a partir do exemplo do próprio Cristo que concede, pelo sacramento da Ordem, a graça da missão. Este ministério não é exercido para si próprio, mas para o outro, enquanto se coloca a serviço da comunidade cristã.

A *Lumen Gentium* menciona de forma clara a importância da missão, para aqueles que foram escolhidos e enviados por Jesus:

No dia de Pentecostes foram plenamente confirmados nesta missão (cfr. At. 2, 126), segundo a promessa do Senhor: “recebereis a força do Espírito Santo que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At. 1,8). E os Apóstolos, pregando por toda a parte o Evangelho (cfr. Mc. 16,20), recebido pelos ouvintes graças à ação do Espírito Santo, reúnem a Igreja universal que o Senhor fundou sobre os Apóstolos e levantou sobre o bem-aventurado Pedro, seu chefe, sendo Jesus Cristo a suma pedra angular (LG, n. 19).

O Espírito Santo de Jesus renova em cada um de seus escolhidos a experiência do Deus vivo na escuta e discernimento do chamado do Senhor. Jesus, depois de ter orado ao Pai, chamando a si os que Ele quis com um ideal, de propor através do testemunho de vida santa o seu ensino, para que todo aquele que o seguisse, assumissem a missão de ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13), sob a orientação do Espírito Santo (Jo 14, 16-28).

De acordo com a Exortação Apostólica pós-sinodal *Presbyterorum Ordinis*, em seu primeiro ponto, afirma que; assim como Deus confiou a seu Filho a missão de pastorear (Jo 10, 11-18), os bispos, como sucessores, pelo sacramento da ordem, confiam aos presbíteros a missão de pastorear, de cuidar e de apascentar a porção do povo de Deus a ele confiado (PO, n. 1). O Papa Paulo VI tem a firme intenção de apontar a missão que todo presbítero deve assumir como colaborador do bispo. Assim, devem eles assumir o poder sagrado da Ordem a eles confiado, numa determinada comunidade de fiéis, formada por muitos membros. Todavia, cabe

⁵⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#2.3._Caridade_pastoral. cap. II n. 54. Acesso em: 12 nov. 2020.

ao presbítero o cuidado daqueles, através do oferecimento da Palavra, do sacrifício eucarístico e do perdão dos pecados (PO, n. 1).

Por fim, a exortação vai afirmar:

Com efeito, os presbíteros, em virtude da sagrada ordenação e da missão que recebem das mãos dos Bispos, são promovidos ao serviço de Cristo mestre, sacerdote e rei, de cujo ministério participam, mediante o qual a Igreja continuamente é edificada em Povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo (PO, n. 1).

A missão dos presbíteros, a de serem servidores de Cristo, os capacitam enquanto unidos à Ordem Episcopal, a permanecerem configurados a Cristo Sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo (PO, n. 2), assumindo ardentemente o amor pelo anúncio da Palavra de Deus. Desse modo, o presbítero leva o mistério de Cristo aos que creem, aos que querem caminhar na luz de Cristo, ou ainda, aos que querem fazer um caminho de santidade. Por isso, os presbíteros devem constantemente convidar todos à conversão e à santidade (PO, n. 4).

Em virtude dos aspectos abordados acima, é papel primordial dos presbíteros convidar e motivar o seu rebanho a configurar-se a Cristo Jesus, como exorta a *Presbyterorum Ordinis*:

A configuração a Cristo por meio da consagração sacramental coloca o sacerdote dentro do Povo de Deus, fazendo-o participar do tríplice múnus de Cristo de uma maneira sua própria e em conformidade com a estrutura orgânica da comunidade eclesial. Agindo *in persona Christi Capitis*, o presbítero apascenta o Povo de Deus, conduzindo-o rumo à santidade.⁵⁷

O presbítero é o homem da Palavra, da Eucaristia e dos Sacramentos, a serviço do povo. De fato, ele é o ministro por excelência dos sacramentos: “por isso, deve cultivar retamente a ciência e a arte litúrgica, para que, pelo seu ministério litúrgico, Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, seja louvado cada vez mais perfeitamente pelas comunidades a eles confiadas” (PO, n. 5). Sendo o homem da Palavra, o presbítero deve ser um anunciador da verdade, conforme enuncia a *Pastores Dabo Vobis*: “A missão do Padre é a de ser ‘educador para a oração’” (PDV, n. 47). Além disso, deve ser um incentivador do povo em sua busca de encontrar Deus, uma vez que ele mesmo é chamado a ser exemplo de homem dedicado à oração. Por fim, e não menos importante, deve praticar a caridade para com o próximo, dado que “O sacerdote é o homem de Deus, aquele que pertence a Deus e faz repensar em Deus” (PDV, n. 47). Em outras palavras, ele é a ponte entre o coração de Deus e o coração do homem.

⁵⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. João Paulo II, Carta circular ‘O presbítero, mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio cristão’ (19/03/1999). São Paulo: Paulinas, 1999, cap. III, n. 1.

O sacerdote está a serviço e em comunhão com a Igreja, ao passo que “a missão da Igreja está em continuidade com a de Cristo: “Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós” (EE, n. 22). O presbítero tem a consciência do mandato da Igreja que é, por natureza, “peregrina e missionária, porque tem a sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG, n. 2). Por isso, “o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” (DAp, n. 347).

Neste impulso missionário do “Ide” (Mc 16, 16), é exigido do presbítero uma total adesão a Cristo e à Igreja, qualificando sua missão no doar-se em prol do povo de Deus. Espera-se dele o estar sempre a serviço, assumindo, como colaborador da Ordem episcopal, a missão de instruir o povo de Deus. Ele irá, de fato, continuar a missão dos Apóstolos, repassada aos seus sucessores (os Bispos), qual seja: a de exercer o tríplice múnus de ensinar, santificar e governar.

No aspecto de colaboradores, a *Redemptoris Missio*, do Sumo Pontífice João Paulo II, declara que:

Colaboradores do Bispo, os presbíteros, por força do sacramento da Ordem, são chamados a partilhar a solicitude pela missão: “O dom espiritual que os presbíteros receberam na Ordenação prepara-os, não para uma missão limitada e restrita, mas para uma vastíssima e universal missão de salvação “até aos confins da terra”.⁵⁸

Os presbíteros são colaboradores dos Bispos, que assumem a missão de pastorear e cuidar da pequena porção do povo de Deus a eles confiadas. Estes são chamados a serem evangelizadores e a levarem o Evangelho a todas as pessoas, possibilitando-as a terem um encontro pessoal com Cristo. Para a Igreja o evangelizar significa anunciar a pessoa de Jesus Cristo, para que n’Ele todos tenham a vida.

O Pontifício Conselho de Justiça e Paz ressalta bem esse sentido de evangelizar:

O Evangelho que, mediante a Igreja, ressoa no hoje do homem, a doutrina social é palavra que liberta. Isso significa que tem a eficácia de verdade e de graça do Espírito Santo, que penetra os corações, dispondo-os a cultivar pensamentos e projetos de amor, de justiça, de liberdade e de paz. Evangelizar o social é, pois, infundir no coração dos homens a carga de sentido e de libertação do Evangelho, de modo a promover uma sociedade à medida do homem porque à medida de Cristo: é construir uma cidade do homem mais conforme com o Reino de Deus.⁵⁹

Todos são motivados a infundir o Evangelho no coração dos homens, com o intuito de os fazer semelhantes a Cristo, ao mesmo tempo em que são seus imitadores. O ápice desse

⁵⁸ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Loyola, 1991, nº 67.

⁵⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 63.

envio, por Cristo, aconteceu no dia de Pentecostes, quando, impulsionados pelo Espírito Santo, os Apóstolos colocaram-se a caminho, exercendo o tríplice múnus a eles confiados.

3.1 A importância do tríplice múnus sacerdotal como dom

O presbítero, em si, deve ser um colaborador dedicado em atender às necessidades da Igreja, colocando em prática os seus dons, ensinando e instruindo o povo de Deus a permanecer fiel ao Senhor.

No âmbito do ensinar, a *Presbyterorum Ordinis* diz que o presbítero é o ministro da palavra de Deus. Chamado a ser profeta, ele exerce o seu ministério, cumprindo a tarefa de anunciar o Evangelho de Deus a todos. Pois, é pela Palavra da salvação que, no coração dos infiéis se desperta e, no coração dos fiéis, se alimenta a fé. Esta, por sua vez, nasce da pregação dos ministros dos sacramentos, ou seja, dos Presbíteros (PO, n. 4). Estes homens são chamados a serem fiéis, não se desviando nem para a direita nem para a esquerda. Antes, devem manter os olhos fixos no Senhor (Hb 12, 2), com o firme propósito de evangelizar a todos.

O Catecismo da Igreja Católica, ao discorrer sobre o ofício de ensinar, afirma: os bispos com os presbíteros, seus cooperadores, “tem como primeiro dever anunciar o Evangelho de Deus a todos os homens”, conforme a ordem do Senhor (CEC, n. 888).

A *Pastores Dabo Vobis* fala de um evangelizar na força da sua configuração sacramental a Cristo Cabeça, tendo uma opção preferencial pelos pobres e os mais fracos, como a eles confiados de uma maneira especial. Devem ser capazes de testemunhar a pobreza com uma vida simples e austera, sendo já habituados a renunciar generosamente às coisas supérfluas (PDV, n. 30). Nesta mesma exortação vemos novamente a missão do presbítero como o homem da Palavra. Sendo assim, deve viver por ela:

É verdade que o "operário é digno do seu salário" (Lc 10, 7) e que "o Senhor determinou que aqueles que anunciam o Evangelho vivam do Evangelho" (1 Cor 9, 14), mas é também verdade que este direito do apostolado não pode de forma alguma confundir-se com qualquer pretensão de submeter o serviço do Evangelho e da Igreja às vantagens e interesses que daí possam derivar (PDV, n. 30).

O presbítero deve ter o coração voltado aos pobres, a exemplo de Cristo. Vale lembrar que a pobreza é uma grande aliada do trabalho missionário, pois ela assegura ao presbítero a disponibilidade para ser enviado onde o seu trabalho se torna mais útil e urgente, mesmo com sacrifício pessoal (PDV, n. 30).

A disponibilidade do Presbítero o deixa mais livre e à vontade para fazer cumprir a vontade do Senhor, isto é, para "ir" sem laços nem amarras, seguindo apenas a vontade do Mestre. Quando isso não acontece, ouvem-se as murmurações: “Quando alguém lhe disse na estrada: “Eu te seguirei para onde quer que vás (Lc 9, 57), Jesus expõe as exigências do discipulado. Por fim, escuta estas respostas: “Permite-me-ir primeiro enterrar meu pai (v. 59); ou ainda: “Eu te seguirei, Senhor, mas permiti-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa” (v. 61).

Com efeito, ao primeiro o Senhor alerta quanto ao firme propósito da missão: “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (v. 58). Ao segundo ele diz: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos” (v. 60). Finalmente, ao terceiro ele vai dizer: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (v. 62). Por isso, todos os que são chamados à missão devem ter como prioridade o anúncio do Reino para a salvação de todos.

Na Audiência Geral do dia 05 de maio de 2010, em Roma, o Papa Bento XVI abordou o aspecto do *Múnus sanctificandi*. ao dizer “é chegada de novo a tarefa do sacerdote de “santificar”.⁶⁰

É o próprio Cristo quem santifica, ou seja, quem nos atrai para a esfera de Deus. Mas como ato da sua misericórdia infinita chama alguns a "permanecer" com Ele (cf. Mc 3, 14) e a tornar-se, mediante o Sacramento da Ordem, não obstante a pobreza humana, partícipes do seu próprio Sacerdócio, ministros desta santificação, dispensadores dos seus mistérios, "pontes" do encontro com Ele, da sua mediação entre Deus e os homens, e entre os homens e Deus (PO, n. 5).

O Catecismo esclarece bem o múnus de santificar, quando ressalta a ação, tanto do Bispo quanto do Presbítero: “O Bispo e os presbíteros santificam a Igreja com a sua oração e o seu trabalho, bem como pelo ministério da palavra e dos sacramentos. E a santifica com os seus exemplos, atuando, não com um poder autoritário sobre a herança do Senhor, mas como modelos do rebanho” (1Pd 5, 3). Assim “chegarão, com o rebanho que lhes está confiado, à vida eterna” (CEC, n. 893).

O presbítero deve sempre ter como referência, em suas ações e atitudes em busca da santificação, a Eucaristia – que é o cume de sua vocação para a missão. Desta forma, poderá agir de forma clara, tendo consciência de sua identidade quanto a sua missão presbiteral.

Em todas as comunidades cristãs a ele confiadas em seu território, o presbítero tem o firme papel concedido pelo Bispo de coordenar e dirigir o povo de Deus. A *Presbyterorum*

⁶⁰ BENTO XVI. Audiência Geral: 05 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100505.htm l>. Acesso em: 17 out. 2020.

Ordinis denota, quanto ao papel de governo do Presbítero, o seguinte: “Exercendo, com a autoridade que lhes toca, o múnus de Cristo cabeça e pastor, os presbíteros reúnem, em nome do Bispo, a família de Deus, como fraternidade bem unida, e por Cristo, no Espírito, levam-na a Deus Pai” (PO, n. 5). Para os Presbíteros exercerem esse ministério e as demais funções de governo a eles confiadas, devem tratar a todos com muita humildade, ensinando-os e admoestando-os como filhos (PO, n. 5).

O presbítero é chamado a exercer o seu ministério, de pastor e guia do povo de Deus, no âmbito da comunidade. Na verdade, ele vive em função dela, e por ela reza, estuda, trabalha. Além disso, exerce a sua missão de amar e de levar a todos a Eucaristia (DMVP, n. 55). O sacerdote é chamado a reviver a autoridade e o serviço de Jesus Cristo, cabeça e pastor da Igreja, animando e guiando a comunidade eclesial (DPV, n. 26). O presbítero, quanto mais se configura a Cristo, mais ele vai entendendo que a sua vocação está a serviço do Povo de Deus.

Por fim, todos os presbíteros, a exemplo do Bom Pastor, devem ter a consciência de que não estão a serviço de si próprios, mas a serviço da comunidade cristã. Recebem, portanto, a missão de zelar e cuidar com amor da pequena porção a eles confiada, em seu território paroquial.

3.2 O Presbítero a serviço da evangelização

Os presbíteros são homens chamados pelo Senhor, formados e enviados.⁶¹ Tornando-se homens da evangelização, seguem o exemplo do próprio Jesus que, ao ouvir o clamor do povo, se colocou a serviço:

Ao ver a multidão, teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor. Então, disse aos seus discípulos: “A colheita é grande, mas poucos os operários! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita” (Mt 9,36).

Jesus, na instituição do sacerdócio, constituiu uma comunidade de discípulos, porque precisava de colaboradores a fim de que a mensagem do Reino pudesse chegar a todos os lugares. Por isso, a missão da Igreja está em continuidade com a missão de Cristo: “Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós” (EE, n. 22).

⁶¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. João Paulo II. Carta circular ‘O presbítero, mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio cristão’ 19/03/1999). São Paulo: Paulinas, 1999, Cap. I, nº 1.

O presbítero, segundo At 20, 17-37, é o discípulo do Senhor e pastor do rebanho. Ou seja, ele tem a missão de pastorear: “Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho, nele o Espírito Santo vos constituiu guardiães, para apascentar a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue do seu próprio Filho” (At 20, 28).

A missão de pastorear, para muitos sacerdotes, vai além de seu território paroquial, porção de sua respectiva Diocese. Muitos se sentem chamados a ir para águas mais profundas (Lc 5, 1-11), e a responder prontamente ao Senhor, a exemplo do discípulo: “Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar; mas, porque mandas, lançarei as redes! (Lc 5, 5).

Ao ouvir a voz do Senhor e ao obedecê-LO, os presbíteros são motivados a enfrentar novos desafios por causa do Evangelho (1Cor 9, 22-23). Todos eles devem sair e olhar além, tendo a noção de que o seu povo inclui também os que estão fora do redil. Cabe a eles conduzi-las de volta ao rebanho (Jo 10, 16b). Por isso, o presbítero deve ser missionário e ter, em seu coração, o mesmo ardor que o Senhor teve em apascentar o seu rebanho.

A Pastores Dabo Vobis vai trazer alguns elementos da evangelização e da missão do presbítero, enfatizando-os como parte de um novo estilo de vida pastoral:

Enquanto representa Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, o sacerdote coloca-se não apenas na Igreja, mas também perante a Igreja. O sacerdócio, enquanto unido à Palavra de Deus e aos sinais sacramentais a cujo serviço se encontra, pertence aos elementos constitutivos da Igreja. O Presbítero é servidor da Igreja comunhão porque - unido ao Bispo e em estreita relação com o presbitério - constrói a unidade da comunidade eclesial na harmonia das diferentes vocações, carismas e serviços (PDV, n. 16).

O presbítero, nos dias de hoje, tem como prioridade, neste contexto da nova evangelização, cultivar um novo ardor missionário, com novos métodos, além de trazer uma nova expressão para o anúncio do Evangelho. Por fim, é quem faz o convite à comunhão do povo com Deus e com a Igreja (PDV, n. 18). Esse povo, ao alimentar-se da Eucaristia, nutre a sua vida e torna-se vida que sustenta o mundo. Pode, assim, dar um sentido cristão à vida: um sentido sacramental. Esta missão e, ao mesmo tempo, responsabilidade são tanto mais urgentes, quanto mais o mundo atual encontra-se sufocado pela perda do sentido de Deus e do sagrado; na verdade, é um mundo atolado em seu próprio fechamento, e que já não consegue perceber a existência à luz dos desígnios de Deus. Pois bem, é deste sacramento que provém, para o cristão, a experiência mais forte de um autêntico sentido da vida, entendida como dom de Deus e parceria com o Criador. Também da Eucaristia brotam os dons da caridade e da solidariedade em relação ao mundo, pois o Sacramento do altar não pode se separar do mandamento novo do amor recíproco.

Guimarães aponta os principais fatores que possibilitam atualmente a adesão dos Presbíteros à missão:

É preciso ter sacerdotes que falem de Deus ao mundo e que apresentem o mundo a Deus; homens não sujeitos a modas culturais efêmeras, mas capazes de viver autenticamente aquela liberdade que somente a certeza da pertença a Deus é capaz de dar [...]. A vida profética com a qual serviremos Deus e o mundo, anunciando o Evangelho e celebrando os sacramentos, favorecerá o advento do Reino de Deus já presente e o crescimento do povo de Deus na fé. [...] Os fiéis leigos encontrarão em tantas outras pessoas aquilo de que humanamente precisam, mas somente no sacerdote poderão encontrar aquela Palavra de Deus que deve estar sempre em seus lábios: a misericórdia do Pai, que se prodigaliza de maneira abundante e gratuita no sacramento da reconciliação; o pão de vida nova, ‘verdadeiro alimento dado aos homens’.⁶²

O Sacerdote bem preparado tem a capacidade de exercer bem a sua missão e de levar ao povo de Deus a Palavra, o alimento, além de dar um bom testemunho na oração e na conversão. O Decreto *Ad Gentes* reformula a missão do presbítero, reiterando a importância de sua identidade em comunhão com o bispo:

Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado” (Mc 16, 15). Por meio deste mandato, cabe à Igreja propagar a fé e a salvação de Cristo, tanto em virtude do expresso mandamento que dos Apóstolos herdou a Ordem dos Bispos, ajudada pelos presbíteros em união com o sucessor de Pedro e sumo pastor da Igreja, como em virtude da vida comunicada aos seus membros por Cristo (AG., n. 5).

O ‘Ide’ direciona o Presbítero para a missão, a fim de fazer cumprir o mandato do Senhor. Desde o Antigo Testamento, quando Deus envia Moisés e Arão para libertar o povo (Ex 5, 1-9), até o Novo Testamento, quando o próprio Cristo envia seus discípulos (Mc 16, 15), esse mandato tem sido renovado.

O anúncio, que o Presbítero está destinado a fazer, é em prol da conversão do povo pecador, para que este reconheça a grandeza de Deus em suas vidas. Quando o Senhor determina, no ápice da ceia Pascal, que fizessem memória daquela ceia derradeira e que repetissem o seu gesto (fazei isto), era com a intenção e o desejo de que todo o mundo fosse, de fato, um mundo eucarístico.⁶³ Um mundo que vivesse intensamente a experiência

⁶² GUIMARÃES, B. Presbítero, uma vocação a ser vivida à altura do Evangelho. In: Revista Vida Pastoral Pública. São Paulo: Paulus, ano. 56, nº 303, maio-junho de 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ministerio-presbiteral/presbitero-uma-vocacao-a-ser-vivida-a-altura-do-evangelho/>. Acesso em 28 set. 2020.

⁶³ 14º CONGRESSO EUCARISTICO NACIONAL. Eucaristia: Fonte da missão e vida solidária. São Paulo: Paulus, 2001, nº 55.

eucarística, como grande presente de Cristo; grande porque na Eucaristia estão contidas toda a vida e missão da Igreja, que se completam em Jesus Cristo.⁶⁴

3.3 A Virgem Maria e a Eucaristia

A Virgem Maria é, para todo presbítero, um modelo admirável de santidade, obediência e amor. O Papa João Paulo II, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, vai chamá-la de “mulher eucarística” Ela é a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento que, com sua simplicidade de Mãe, cuida e nos direciona à vivência Eucarística pela obediência (Jo 2, 1-11).

A Encíclica vai ressaltar ainda que, se quisermos redescobrir, em toda a sua riqueza, a relação íntima entre a Igreja e a Eucaristia, não podemos esquecer de Maria, Mãe e modelo da Igreja (EE, n. 53). Desde a anunciação ao Pentecostes, a Virgem Maria aparece como uma pessoa cuja liberdade está completamente disponível à vontade de Deus; e essa liberdade e disponibilidade devem ser exercidas também pelo presbítero, o mesmo que tem a Virgem Maria como Mãe (Jo 19, 27). Ela nos dá o exemplo de como viver a fé, a caridade e a doação no serviço (Lc 1, 39-40).

Os presbíteros acolhem Maria como sua mãe em sua própria vida, fazendo dela um alvo de contínua atenção e oração. Ela é a mãe que os conduz a Cristo, que os faz amar autenticamente a Igreja e que, finalmente, intercede por eles, guiando-os para o Reino dos céus. Maria, por ser mãe, é a eminente formadora, a qual modela o coração sacerdotal com materna solicitude, para que ele cresça em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (DMVP, n. 84-85).

A exemplo de Maria, os presbíteros acolham em seus corações a Palavra. Esta os conduzirá ao serviço em prol do povo de Deus, tendo em mente que a Eucaristia mesma que faz brotar, em seu interior, o compromisso de servir ao Reino de Deus. Tal compromisso, por sua vez, vai inserindo sempre mais o presbítero no mistério da fé (*Mysterium fidei*), como demonstra a Encíclica:

Todas as vezes que repetimos o gesto de Cristo na Última Ceia dando cumprimento ao seu mandato: “Fazei isto em memória de Mim”, ao mesmo tempo acolhemos o convite que Maria nos faz para obedecermos a seu Filho sem hesitação: “Fazei o que Ele vos disser” (EE, n. 54).

⁶⁴ GUIMARÃES. Op. Cit., n° 303.

A solicitude de Maria, em observar com atenção as ações de Seu Filho, impulsiona toda a Igreja a que não hesite, mas confie plenamente nas Palavras de Jesus, ficando sempre atenta ao que Ele pedir. Trata-se, afinal, de um pedido que não se finaliza no presbítero, mas que se estende ao outro, na pessoa do irmão, aquele mesmo que deve ser conduzido aos sacramentos, via de acesso a Deus.

Ao contemplar Maria nas bodas de Caná, o presbítero consegue perceber que ela praticou a sua fé eucarística, mesmo antes de ser instituída a Eucaristia, ao oferecer o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus (EE, n. 54). Com efeito, a Eucaristia é o coração da comunhão eclesial. E Maria, a mulher eucarística, quando entregou o seu ventre virginal para a encarnação do Filho de Deus – “*Ave verum, corpus natum ex Maria Virgine*”⁶⁵ –, estabeleceu para sempre uma relação visceral com o mistério eucarístico.

Maria é exemplo de mãe e de mulher com grande fé, pois ela acreditou e aceitou o plano divino a seu respeito, procurando fazer sempre a vontade de Deus. Ela que concebeu, gerou e nutriu a Jesus, é a mesma que chama a atenção de todos, para que fiquem atentos, sejam vigilantes e se coloquem em missão, segundo as necessidades do Senhor (Jo 2, 5).

Da mesma forma como Maria participa desse mistério salvífico, o presbítero, ao fazer memória das palavras de Jesus, também ele adentra o mistério:

Todas as vezes que repetimos o gesto de Cristo na Última Ceia, dando cumprimento ao seu mandato: “Fazei isto em memória de Mim”, ao mesmo tempo acolhemos o convite que Maria nos faz para obedecermos a seu Filho sem hesitação: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 5).

Estamos diante de uma obediência ao plano de salvação, e que se alimenta de fé, esperança e caridade. Foi desta forma que Maria obedeceu e acreditou. A Igreja, vendo em Maria o seu modelo, é chamada a imitá-la também na sua relação com este mistério santíssimo (EE, n. 53). É Maria que se revela no mistério de Cristo e da Igreja. Ora, se Jesus Cristo é o centro do cristianismo, Maria é a pessoa que está mais próxima desse centro. Nesta posição devemos entender Maria, ou seja, inserida no mistério salvífico, na economia da Salvação.⁶⁶ Ela assume a missão da maternidade divina, como nos mostra o Papa João Paulo II:

Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita

⁶⁵ JOÃO PAULO II. Angelus de 8 junho 1980. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1980/documents/hf_jp-ii_ang_19800608.html. Acesso em 17 out. 2020.

⁶⁶ KUNRATH, Carlos Luiz Bacheladenski. Artigo: Maria e o ministério de Cristo e da Eucaristia. In: Ver. Trim. Porto Alegre/RS, v. 35. ano 2005, n. 56, Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Downloads/1719-Texto%20do%20artigo-6203-2-10-20110511.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio (188). Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe (189). Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe (E.E., n. 63).

O Papa Bento XVI, por ocasião do 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, comemorado no dia da Solenidade da Imaculada Conceição, tece inúmeros elogios a Maria Santíssima, em uma de suas mais belas e preciosas colocações sobre Maria. Ele vai dizer, por exemplo, que Ela é a grande crente que, cheia de confiança, se coloca nas mãos de Deus, abandonando-se à Sua vontade. Ela é uma Mãe à qual todos podem dirigir-se, em qualquer necessidade: em sua própria debilidade ou pecado. Porque ela tudo compreende e para todos mostra a força de uma bondade criativa, que nada mais é do que a bondade de Deus que, por meio dela, aproxima-se muito de nós. Ele ainda afirma:

Assim, Maria está diante de nós como sinal de consolação, de encorajamento e de esperança. Ela dirige-se a nós, dizendo: "Tem a coragem de ousar com Deus! Tenta! Não tenhas medo d'Ele! Tem a coragem de arriscar com a fé! Tem a coragem de arriscar com a bondade!"⁶⁷

O Papa Bento XVI, como um bom pai que aconselha os seus filhos ao bem, anima e encoraja os presbíteros, seus filhos, a não se distanciarem da Mãe, mas a buscá-la em todos os momentos. Pois ela ajudá-los-á a permanecerem fiéis, se forem também fiéis e atentos a tudo o que o Senhor lhes pedir (Jo 2, 5). E correspondendo apressadamente (Lc 1, 39), se colocarem em prontidão para a missão.

Por fim, todo presbítero é chamado, desde o início de sua formação, a contemplar a beleza e a simplicidades de Maria, pois ela é a obra-prima do Sacrifício sacerdotal de Cristo. Ela representa a Igreja no mundo, “sem mancha nem ruga”, e é toda “Santa e Imaculada” (Ef 5, 27). Por isso, Maria é ícone da Igreja nascente e modelo para cada um dos presbíteros, homens de Deus.

O presbítero é aquele que, a exemplo do ‘sim’ de Maria, responde afirmativamente ao projeto de Deus, assumindo a sua missão de cristão e, portanto, de homem de fé. Ao mesmo tempo, assume o tríplice múnus – sacerdotal, profético e régio – de Cristo, por meio do

⁶⁷ HOMILIA DO PAPA BENTO XVI. 40º Aniversário do Encerramento do Concílio Vaticano II e Solenidade da Imaculada Conceição, 8 dez de 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051208_anniv-vat-council.html. Acesso em: 19 out. 2020.

sacramento da Ordem⁶⁸ a ele confiado (CEC, n. 871). Tal missão consiste em ir ao encontro do outro, suprimindo suas necessidades, em primeiro lugar, e a exemplo de Maria – que foi ao encontro de Isabel, apressadamente – colocando-se a serviço (Lc 1, 39-46), sem reservas. Esse é, verdadeiramente, um exemplo de doação e entrega, o que encontramos na bem-aventurada Virgem Maria, que, guiada pelo Espírito Santo, dedicou-se totalmente à realização do mistério da redenção dos homens. É ela a quem os presbíteros devem amar e venerar com devoção e culto filial, seja como Mãe do sumo e eterno sacerdote, seja como rainha dos Apóstolos e auxílio do seu ministério.⁶⁹

O Papa João Paulo II, ao concluir a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, faz um convite muito especial a todos os Presbíteros:

Meus queridos irmãos e irmãs, vamos à escola dos Santos, grandes intérpretes da verdadeira piedade eucarística. Neles, a teologia da Eucaristia adquire todo o brilho duma vivência, “contagia-nos” e, por assim dizer, nos “abrsa”. Ponhamo-nos, sobretudo, à escuta de Maria Santíssima, porque n'Ela, como em mais ninguém, o mistério eucarístico aparece como o mistério da luz. Olhando-A, conhecemos a força transformadora que possui a Eucaristia (E.E., n. 62).

Dessa forma, o Papa João Paulo II conclui a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, com maestria, convidando a todos a ter uma atenção redobrada aos ensinamentos dos santos, de um modo especial à Virgem Maria, que na celebração dos eventos dos mistérios da salvação, aparece associada ao Filho na celebração Eucarística.⁷⁰ Que Nossa Senhora continue a interceder, junto a Jesus Cristo, por todos os sacerdotes, a fim de que permaneçam sempre com os olhos fixos no Senhor (Hb 12, 2-3), que é o dispensador dos tesouros inestimáveis do seu amor de Bom Pastor.

⁶⁸ A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo a seus Apóstolos continua sendo exercida na Igreja até o fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconato (CEC, n.º 1536).

⁶⁹ BENTO XVI. Audiência Geral: 09 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090812.html. Acesso em: 20 out. 2020.

⁷⁰ MISSAL ROMANO. 10ª. Ed. Oração Eucarística I. São Paulo: Paulus, 2006. p. 470.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A Igreja vive da Eucaristia.
Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé,
mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja.*

(Ecclesia de Eucharistia)

O presente Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Teologia foi o resultado de uma abordagem acerca do Presbítero e da Eucaristia. A Eucaristia, considerada fonte e ápice da vocação do Presbítero, foi enfocada a partir da perspectiva da Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, tendo como lema “*Fazei isto em memória de mim*” (1Cor 11, 25). Com efeito, este foi o mandato de Jesus aos seus discípulos, por ocasião da última ceia, para que dessem continuidade à sua missão.

A pesquisa realizada nos permite enxergar o contexto histórico da compreensão da Eucaristia, desde os elementos de prefiguração, no Antigo Testamento (AT), até a sua plena configuração, em Cristo Jesus, no Novo Testamento (NT). Ele se oferece sem reservas, dizendo: “Este é o meu corpo, (...) este é o meu sangue, que será dado por vós, (...). Fazei isto...” (1Cor 11, 24). Jesus chama os discípulos e os instrui (Jo 1, 35-51; Mc 1, 16-20; Lc 6, 12-16 e Mc 3, 13-19), capacitando-os a darem continuidade à missão, a qual seria transmitida posteriormente pelos Apóstolos. O papa é o sucessor de Pedro, assim como os bispos são os sucessores dos demais apóstolos. Os bispos, com o auxílio dos presbíteros, trabalham com o seguinte objetivo: apresentar ao povo de Deus a Eucaristia como realidade central da fé cristã. Pela Eucaristia, o presbítero se coloca como mediador de uma experiência de fé e de esperança para o povo. Assim sendo, chega-se à conclusão de que a Eucaristia é a principal e central razão de ser do Sacramento do Sacerdócio.

Os presbíteros são colaboradores do Bispo, por força do sacramento da Ordem, e assim são chamados a partilhar a solicitude pela missão: O dom espiritual que os presbíteros receberam na Ordenação prepara-os, não para uma missão limitada e restrita, mas para uma vastíssima e universal missão de salvação.

Na Eucaristia, há o encontro com Cristo, e tal encontro provoca no presbítero um ardor missionário, um desejo de “ir” aonde o Senhor o mandar. Os Presbíteros são chamados a assumir a sua identidade de pastor, isto é, a de serem anunciadores, indo ao encontro dos que estão “fora do redil”.

Ao longo da elaboração deste TCC, foi possível perceber que o Presbítero deve se conscientizar tanto de sua identidade como de sua missão, tendo como modelo o próprio Jesus Cristo. Ele é, na verdade, o Sacerdote por excelência, aquele que se ofereceu na cruz como sinal de reconciliação de Deus para com a humanidade.

O Presbítero, sendo o homem da Palavra e da Eucaristia, deve assumir sua responsabilidade diante de todo o povo de Deus. Tal encargo implica na observância de seus deveres pastorais (At 20, 28), especialmente o de cuidar do povo (1Pd 5, 1-2), segundo sua vocação (Ef 4, 11). Cabe a ele também os papéis de ensinar, santificar e governar, promovendo, no seio de sua diocese/paróquia, uma ação conjunta de evangelização, instruindo o povo de Deus a participar da mesa da Palavra e a se alimentar da Eucaristia. Portanto, cada Eucaristia é celebrada na expectativa e na esperança de que um único povo de Deus se reúna à volta da única mesa do Senhor.

O Presbítero, além de ser um homem inclinado à oração, deve ter uma relação de proximidade com Maria Santíssima. Como Maria, os presbíteros também são chamados a gerar 'Cristo' em meio a comunidade. Seu ponto de partida e exemplo é o 'sim' da Mãe de Jesus, que respondeu prontamente a Deus e pôde contribuir, dessa forma, com o seu projeto de salvação.

A exemplo de Maria, todos os Presbíteros devem estar atentos e vigilantes, cuidando e apascentando o rebanho do Senhor, e procurando conduzir todas as ovelhas ao encontro com a Eucaristia, que é o próprio Jesus. Assim como a Eucaristia é fonte e ápice da vocação do Presbítero, ela também deve ser o ápice da caminhada de todo cristão. Por isso, o tema proposto – “Eucaristia, fonte e ápice da vocação do Presbítero” – é de fundamental importância para todo cristão, pois ele passa a compreender que este sublime sacramento, não somente é a razão e a centralidade da fé do presbítero, mas que também o leva à missão para a qual foi designado.

Todo este TCC ressalta a ligação do homem com o Sagrado, mais especificamente do Presbítero com o próprio Cristo. O presbítero pode se aproximar de Cristo e este acercar-se permite que o presbítero vá se configurando – a cada ação e a cada gesto, ao Sumo e Eterno Sacerdote: Jesus, que é “o pão vivo descido do céu” (Jo 6, 51).

O primeiro capítulo possibilitou ver que as prefigurações da Eucaristia se concretizam no próprio Cristo. É Ele mesmo quem pastoreia, alimenta e ama. Além disso, instrui os seus discípulos (presbíteros) a fim de que se configurem e se identifiquem com as ações do mestre. O segundo capítulo trouxe as motivações que levaram os discípulos a descobrir suas identidades e a seguir o exemplo de Jesus. Como exposto no terceiro capítulo, os discípulos podem, eles mesmos, dar de comer aos que tem fome e de beber aos que tem sede de justiça. Em outras palavras, eles podem se colocar em missão pela salvação do povo de Deus.

Por fim, no trabalho foram relacionadas todas as questões propostas: as Prefigurações da Eucaristia no Antigo Testamento e a Identidade do Presbítero e a Missão. Contudo, vale ressaltar a importância de se aprofundar, cada vez mais, no conhecimento da Eucaristia, sempre a recordando como fonte e ápice da vida do Presbítero. A Igreja, nos dias atuais, tem abordado em suas catequese diversos temas que se relacionam à Eucaristia e ao Presbítero. Com efeito, são temas pertinentes, os quais permitem um aprofundamento teológico quanto à força que d'Ela emana, pois que é fonte que qualifica o Presbítero para a missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola/ Vozes, 1993.

CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Ceia*. Aparecida/SP: editora Santuário, 1993.

BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral*: 05 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100505>html Acesso em: 17 out. 2020.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *LUMEN GENTIUM*. Constituição Dogmática Sobre a Igreja do Concílio Vaticano II. In Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 17ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *SACROSANCTUM CONCILIUM* (S.C.). Constituição Dogmática Sobre a Sagrada Liturgia. In Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 17ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Instrução 'O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial'*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero mestre de Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2007.

DECRETO CONCILIAR *PRESBYTERORUM ORDINIS*. Documento do Concílio Vaticano II. Sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. São Paulo: Paulus, 1997.

DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2013.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor hominis: Sobre o Redentor do Homem, no início do ministério Pontifical de João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1979.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris missio: Sobre a validade permanente do mandato missionário*. São Paulo: Loyola, 1991

JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal 'Pastores Dabo Vobis' sobre a formação dos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1992.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia. Sobre a Eucaristia nas suas relações com a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e espiritualidade do Padre Diocesano*. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MARSILI. *A Eucaristia: teologia e história da celebração. Anámneseis 3*. São Paulo: Paulinas, 1986.

MAZZAROLO, I. *A eucaristia: memorial da nova aliança: comunidade e rupturas*. São Paulo: Paulus, 1999.

PAULO VI. *Carta Encíclica Sacerdotalis Caelibatus (1967), sobre o Celibato Sacerdotal*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis.html. Acesso em 25 set. 2020.

PENNA, R. *A ceia do Senhor: dimensão histórica e ideal*. São Paulo: edições Loyola, 2018.

PONTIFÍCIO CONSELHO — JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005. 528p.

RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.

Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na Sala de Conferência do Santuário de Aparecida – Discurso (13 de maio de 2007). Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em 25 set. 2020.

GUIMARÃES, B. *Presbítero, uma vocação a ser vivida à altura do Evangelho*. In: Revista Vida Pastoral Pública, ano. 56, nº 303, Paulus, maio-junho de 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ministerio-presbiteral/presbitero-uma-vocacao-a-ser-vivida-a-altura-do-evangelho/>. Acesso em 28 set. 2020.

KUNRATH, Carlos Luiz Bacheladenski. Artigo: *Maria e o ministério de Cristo e da Eucaristia*. In: Ver. Trim. Porto Alegre/RS, v. 35, ano 2005, n. 56. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Downloads/1719-Texto%20do%20artigo-6203-2-10-20110511.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI. *40º Aniversário do Encerramento do Concílio Vaticano II e Solenidade da Imaculada Conceição*, 8 dez de 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051208_anniv-vat-council.html. Acesso em: 19 out. 2020.